

# APAV<sup>®</sup>



associação portuguesa de

Apoio à Vítima

# Recortes de Imprensa

## Março 2016



Apoio:





# Linha de Apoio à Vítima atendeu 17 chamadas/dia, maioria por violência doméstica

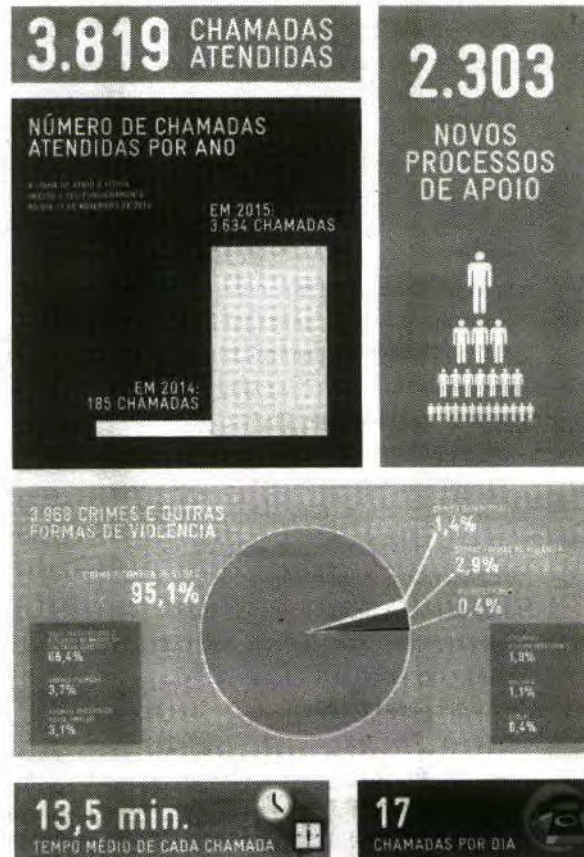
A Linha de Apoio à Vítima da APAV atendeu, entre Novembro de 2014 e Dezembro de 2015, uma média de 17 chamadas por dia, a maioria por maus-tratos físicos e psíquicos, no âmbito da violência doméstica.

Neste período, o serviço da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima atendeu 3.819 chamadas e abriu 2.303 novos processos de apoio, segundo as "Estatísticas da Linha de Apoio à Vítima (LAV)" divulgadas Segunda-feira para assinalar o Dia Europeu da Vítima de Crime.

Os dados, a que agência Lusa teve acesso, mostram que o crime contra as pessoas motivou 95,1 das chamadas, 66,4% das quais foram por maus-tratos físicos e psíquicos, no âmbito da violência doméstica, 3,7% por ameaça/coação e 3,1% por ofensas à integridade física.

O "stalking" (assédio persistente) motivou 1,9% das chamadas, o "bullying" 1,1%, os crimes patrimoniais 1,4% e a burla 0,4%, referem os dados, sublinhando que o tempo médio de cada chamada é de 13,5 minutos.

Considerando as 1.973 vítimas de crimes registados neste período, a APAV conseguiu traçar o perfil da vítima e do autor do crime. A maior parte das vítimas (84%) são mulheres, com uma média de idade de 46 anos, casadas ou a viver em união de facto (59%),



sendo que a maioria (51%) vive numa família nuclear com filhos, 47% têm o ensino superior e 43% estão empregadas.

Dos 310 casos em que a vítima era homem, a APAV constatou que tinham uma média de idade de 44 anos, 46% eram casados ou viviam em união de facto, 44% viviam numa família nuclear com filhos. Os dados indicam ainda que 48,8% destes homens tinham abaixo dos 12 anos de escolaridade e 31,5% estavam empregados.

Relativamente às 103 crianças e jovens que foram víti-

mas de crime, 60% eram meninas, com uma média de idades de 11 anos, sendo que um quarto frequentava o primeiro ciclo, 13%, o segundo ciclo e 7%, o terceiro ciclo. No caso dos idosos, que totalizaram 286 casos, 81% eram mulheres, com uma média de idade de 77 anos, 62% eram casados ou viviam em união de facto e 25% viúvos.

Segundo as estatísticas, 41% viviam numa família nuclear com filhos, 86% tinham o ensino superior e 93% estavam reformados.

Sobre o perfil do agressor,

a APAV refere que 83% são homens, com uma média de idade de 45 anos, 67% são casados ou vivem em união de facto, 54% tinham o ensino superior, 55% estavam empregados, 67% não tinham antecedentes criminais e 28,9% eram cônjuges da vítima.

A maior parte das chamadas para a LAV, um serviço de atendimento telefónico, gratuito e confidencial, foi feita pela vítima (68,1%), seguindo-se os familiares (21,2%), os amigos e conhecidos (13,3%).

Lançada a 17 de Novembro de 2014, a linha, que corresponde ao número de apoio à vítima europeu (116 006), trabalha numa rede de parcerias com entidades judiciais e policiais, possibilitando um encaminhamento rápido da vítima para as entidades competentes. O projecto «pretendeu criar, a nível nacional, um sistema integrado que permita uma triagem eficaz e uma resposta ajustada às necessidades das vítimas», aos seus familiares e amigos.

Para assinalar o Dia Europeu da Vítima de Crime e promover a LAV, a associação lança uma campanha de sensibilização com o tema "A violência esconde-se no silêncio". O Dia Europeu da Vítima de Crime foi instituído pelo Victim Support Europe para recordar os direitos das vítimas de crime.



# GNR assinalou o Dia Europeu da Vítima de Crime

EUNICE FRANCISCO  
[ eunicefrancisco@badaladas.pt ]

No passado dia 22, a Guarda Nacional Republicana assinalou em todo o território nacional o «Dia Europeu da Vítima de Crime», comemorado a 22 de fevereiro, um data que tem por objetivo recordar e assinalar os direitos de todas as pessoas que foram e são vítimas de crime.

Em colaboração com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), a GNR elaborou um marcador/separador de livros que permite divulgar os direitos das vítimas e que foi distribuído pelos militares do SPE do Destacamento Territorial da Guarda Nacional Republicana nos concelhos de Torres Vedras, Sobral de Monte Agraço e Lourinhã.

Os militares tentaram consciencializar os cidadãos para a importância da denúncia dos crimes e para os direitos das vítimas,

A Linha de Apoio à Vítima da APAV atendeu, entre novembro de 2014 e dezembro de 2015, uma média de 17 chamadas por dia, a maioria por maus-tratos físicos e psíquicos no âmbito da violência doméstica. A maior parte das vítimas são mulheres, idosos e crianças.



Militares sensibilizaram população para os direitos das vítimas



# Criação em Sintra da 16.ª loja de apoio à vítima

No dia 22 de Fevereiro foi comemorado o Dia Europeu da Vítima de Crime. Dentro do âmbito deste dia europeu, o Grupo Sintrenses com Marco Almeida apresentou uma moção, no Executivo Camarário, em que propõe a criação de um gabinete de apoio à vítima, em Sintra, reforçando assim a rede nacional existente. Sintra ocupa um preocupante 2.º lugar nos casos de violência na área de Lisboa. Esta moção foi aprovada por unanimidade.

**D**e acordo com a referida moção só em 2014 a APAV registou um total de 21.541 crimes, que se traduziram em 8.889 vítimas e 12.379 processos de apoio, naquilo que representa, face a 2013, um crescimento geral: mais 4,4% nos crimes, mais 1,8% nas vítimas e, consequentemente, mais 4,9% nos processos. Destes 16.881 correspondeu a crimes de violência doméstica, representando 78,4% do total dos crimes.

Considera ainda a moção que em matéria de tipificação e caracterização da vítima, que ela é em 82,3% dos casos do sexo feminino (7.314), com idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos de idade (37,1%), casada (32,8%), pertence sobretudo a um tipo de família nuclear com filhos (em 39,4% dos casos) e que em



**Vereadores presentes na Reunião de Câmara de 23 de Fevereiro**  
Carlos Parreiras, Marco Almeida, Márcia Chiolas e José Pedro Matias

matéria de habilitações literárias, os níveis de ensino superior (7,6%) e o nível de ensino básico do 3º ciclo (4,8%) destacaram-se face aos res-

tantes, com 29,6% dos casos a corresponder a pessoas empregadas.

Quanto à relação das vítimas com o autor do crime que, em

40% das situações, trata-se de cônjuge ou companheiro/a e que em termos de residência, 1988 casos (naquilo que corresponde a 22%)

tinham Lisboa como área de residência, sendo 91,2% de nacionalidade europeia.

Considerando que Lisboa corresponde em 18,9% dos casos ao concelho de residência da vítima (380 em 2.008) e que Sintra ocupa um muito preocupante 2º lugar - 130 ocorrências, equivalendo a 6,5% das vítimas, a grande distância da Amadora (65 casos ou 3,2%), de Almada (52 casos ou 2,6%), Loures (39 casos ou 1,9%), do Seixal (37 casos ou 1,8%), Odivelas (31 ocorrências e um peso de 1,5%), Oeiras (24 ou 1,2%) e Cascais (21 casos ou um peso de 1% face ao total).

Dentro deste contexto a moção apresentada foi aprovada por unanimidade aguardando-se agora a implementação da 16.ª Loja da APAV a nível Nacional e a criação de parcerias indispensáveis ao sucesso da execução.





“Se te marcam sabes com quem podes partilhar”

# Campanha da APAV alerta para a violência no namoro

“Se te marcam sabes com quem podes partilhar”. É este o mote da mais recente campanha da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), no âmbito da sensibilização para a violência no namoro entre jovens.

Lançada precisamente no Dia dos Namorados, a 14 de fevereiro, esta campanha conta com o apoio de algumas figuras públicas. Assenta em imagens que apelam a um debate e consciencialização da sociedade para um flagelo que incide nas camadas mais jovens e insistem na necessária apreensão da violência, tanto física como psicológica, como atentados à integridade humana.

A APAV lembra que a “violência física é infligida diretamente no corpo através de esmurrar, pontapear, estrangular, provocar queimaduras, empurrar contra objetos ou apertar

com demasiada força e deixa marcas visíveis”. Já a “violência sexual é de cariz físico e implica o forçar o companheiro a ter relações sexuais quando não quer, pressionar, forçar ou tentar manter relações sexuais desprotegidas ou forçar a que tenha relações com outras pessoas”.

A violência psicológica diz respeito a uma necessidade de “controlo e domínio sobre a vítima – parte ou estraga objetos, define o que pode vestir, controla os tempos livres e momentos do dia, liga ou envia constantemente mensagens, ameaça e utiliza estratégias de pressão psicológica, destrói a autoestima”.

“Não podemos permitir que os nossos jovens pensem na violência, quer física como psicológica, como normal e que desculpem atos de abusos. Estamos a formar o futuro da

nossa sociedade sem a educarmos ou esclarecermos. Violência não é normal nem pode ser perdoada. É urgente alterar mentalidades. Estar consciente. Hoje”, sublinha Daniel Cotrim, assessor técnico da direção da APAV.

Simbolicamente lançada no dia 14 de fevereiro, como uma partilha nas redes sociais, a campanha contou com o apoio de algumas figuras públicas como Catarina Gouveia, Jessica Athayde, Rui Maria Pêgo, Maria Botelho Moniz, Diana Bouça-Nova, Susana Arrais, Andreia Rodrigues, Blaya, Gabrielã Barros, Irma Dali, Susana Arrais, João Paulo Sousa e Ana Luísa Barbosa.

Com a assinatura da CARMEN, agência criativa do YoungNetwork Group, a campanha é dirigida a um público entre os 13 e os 25 anos e as-

enta numa estratégia de aproximação à linguagem utilizada pelos jovens - as redes sociais.

Um ambiente luminoso, amigos, um momento de diversão. O consequente post. O contraste entre uma aparente felicidade e quem sofre de violência mas se esforça por conseguir ocultar a situação. Um alerta para a violência do foro privado que, nem sempre, é visível ou denunciado. Num jogo de palavras, “marcar” e “partilhar” estão aqui associados a uma situação negativa apelando à denúncia por parte da vítima.

A campanha é composta por duas imagens em que as vítimas são distintas e a forma de violência sobre as mesmas também. Um homem e uma mulher. Violência física e violência psicológica. “Se te marcam sabes com quem podes partilhar”. Com a APAV.





## Victim support helpline receiving 17 domestic abuse-related calls a day

Between November 2014 and December 2015 the APAV victim support helpline took an average of 17 calls a day, the majority of them relating to situations of physical and psychological abuse within a context of domestic violence.

During the aforementioned period the Portuguese Association for Victim Support's (APAV) helpline service took 3,819 phone calls and opened 2,303 new proceedings for support.

This is according to statistics from the association released this week to mark European Day for Victims of Crime.

Crimes against people spurred the vast majority of the calls (95.1 percent of the phone calls), more than half of which (66.4 percent) related to physical and psychological abuse within a context of domestic violence, 3.7 percent denounced situations of threats and coercion, and 3.1 percent for bodily harm.

Cases of stalking and bullying were behind 1.9 percent and 1.1 percent of phone calls respectively, while property damage and theft were responsible for 1.4 percent and 0.4 percent of calls, respectively.

On average each phone call lasted around 13.5 minutes.

Given that 1,973 victims of crimes were registered during the above-mentioned timeframe, APAV traced a profile of both the victims and the aggressors.

The majority of victims were female, with an average age of 46, married or living with a partner and just over half (51 percent) had children at home.

A large percentage of female victims (47 percent) had a degree and 43 percent were employed.

Of the 310 cases in which

the victim was male, APAV established that they were aged around 44, close to half (46 percent) were married or living with their partner, and 44 percent had children still living in the home.

Almost 49 percent of the men had only secondary schooling, and 31.5 percent were employed.

Regarding the 103 children and youngsters who were the victims of crime, the majority (60 percent) were girls aged around 11, and regarding the elderly, who represented 286 cases, 81 percent of the victims were female and aged around 77.

Launched on 17 November 2014 the helpline - which uses the same number as the European victim helpline, 116 006 - works as part of a network with judicial and police authorities.

It affords a swifter channelling of victims to competent authorities.

The project aimed to "create at a national level, an integrated system that allows the efficient screening and an adjusted response to the needs of victims", their families and friends.

To mark European Day for Victims of Crime and promote the APAV victim support helpline, the association launched an awareness campaign with the theme 'Violence lurks in silence.'

European Day for Victims of Crime was established by Victim Support Europe to reiterate the rights of crime victims.



**ABUSOS SEXUAIS****Falha de comunicação**

A grande maioria dos processos-crime, incluindo aqueles de abusos sexuais de menores, não é comunicada aos Tribunais de Família e Menores. Desta forma, é permitido que a guarda da criança possa continuar com o alegado abusador, denunciou ontem a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.





## Falha comunicação em casos de abuso sexual de menores

A grande maioria dos processos-crime, incluindo de abusos sexuais de menores, não é comunicada aos Tribunais de Família e Menores, permitindo que a guarda da criança possa continuar com o alegado abusador.

O assessor técnico da direção da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) denunciou aquilo que considera ser uma “situação perversa”, com que as organizações que apoiam vítimas de violência doméstica se veem confrontadas no seu trabalho.

“Muitas vezes quando há situações de crianças e jovens com suspeitas de crime, também de violência doméstica ou de abuso sexual, aquilo que muitas vezes acontece é a alta de comunicação entre os diferentes tribunais”, adiantou Daniel Cotrim, que falava a propósito do caso de uma criança que estava com a mãe numa casa abrigo para vítimas de violência doméstica, e que, por ordem do tribunal, foi entregue na segunda-feira ao pai, investigado por alegado abuso sexual da filha. ♦ LUSA



LOULÉ

# Peça de teatro e debate marcam Dia da Mulher

**ESPETÁCULO** Ⓢ ‘Nem sempre o silêncio é de ouro’, no dia 8, pelas 18h00.  
**ATRIZES** Ⓢ Interpretação do Agrupamento de Escolas Tomás Cabreira.

JOÃO MIRA GODINHO

**P**ara assinalar o Dia Internacional da Mulher, o Cine-Teatro Louletano recebe uma peça e um debate que abordam a problemática da violência doméstica. ‘Nem sempre o silêncio é de ouro...’ vai à cena dia 8, a partir das 18h00, a que se segue o debate.

Alexandra Rita, Inês Martins e Irene Bossas, do Agrupamento de Escolas Tomás Cabreira, em Faro, são as atrizes que vão subir ao palco para interpretar um texto de António Gambóias, igualmente do agrupamento escolar, e que também assina a encenação e direção artística. A apresentação insere-se, ainda, na comemoração do Dia Internacional para a Eliminação da Violência Contra as Mulheres. “De acordo com o estudo da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV], em 2014 reportaram-



DIREITOS RESERVADOS

**Violência** contra as mulheres é o tema de ‘Nem sempre o silêncio é de ouro...’

-se 6774 agressões contra mulheres (18,6 por dia, 130 por semana)”, refere a nota de apresentação da peça.

Após o teatro, o debate conta

com Ana Ilhéu, diretora do Núcleo de Apoio Técnico do Sul da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais e Júlia Cardoso, da APAV Loulé. ●





# Projecto contra a violência doméstica baixou reincidência em 70%

Designado *Um Passo Mais*, o projecto, lançado em 2012, tem uma lógica multidisciplinar e tem sido desenvolvido pelo Departamento de Investigação e Acção Penal do Porto, na área desta comarca

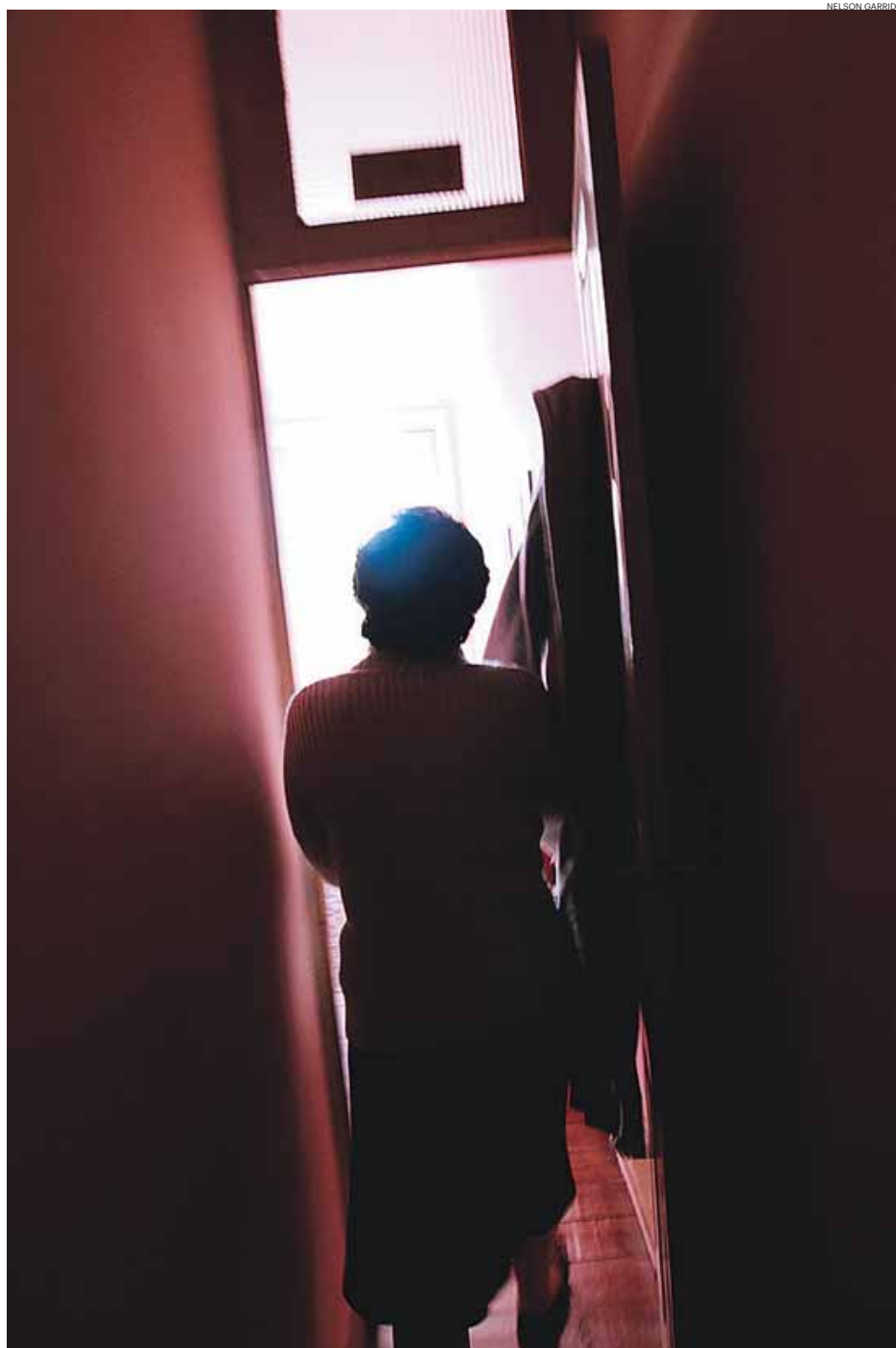
## Projecto-piloto Mariana Oliveira

O projecto multidisciplinar contra a violência doméstica, lançado há três anos pelo Departamento de Investigação e Acção Penal (DIAP) do Porto, permitiu baixar a reincidência deste crime em cerca de 70%. O número é de uma avaliação independente ao projecto feita pela Escola de Criminologia da Faculdade de Direito da Universidade do Porto que, com base nos dados das polícias, comparou os níveis de reincidência em 2012 (o ano anterior ao lançamento do projecto) e 2014 (quando o projecto já tinha um ano). Naquele período, o número de agressores que repetiram o crime de violência doméstica descera cerca de 70%, quando comparado com o de um grupo de controlo analisado.

Chamado *Um Passo Mais*, o projecto do DIAP Porto passou por analisar o problema da violência doméstica numa perspectiva multidisciplinar. Isso implicou uma articulação especial com a PSP, com a delegação do Porto do Instituto de Medicina Legal e com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. Este projecto levou à criação do Gabinete de Apoio e Informação à Vítima, a funcionar sob a alçada do Comando Metropolitano da PSP do Porto, que, além de receber as notícias do crime, acompanha as vítimas numa perspectiva de proximidade e de visibilidade, explica a procuradora Teresa Morais, a ideóloga deste projecto.

O investigador Jorge Quintas, que apresentou os dados numa sessão realizada ontem no Porto, explicou ao PÚBLICO que nesta análise só foram consideradas as situações de reincidência que ocorreram até três meses após a primeira participação. “No caso da comarca do Porto houve uma reincidência de 2,2%, enquanto no grupo de controlo essa reincidência foi de 5,6%”, afirma o investigador.

Jorge Quintas refere que a descida da reincidência ocorreu nas queixas registadas pelas polícias, mas já não num outro método usado: um inquérito às vítimas. Aí os níveis de reincidência registados na comarca do Porto foram melhores do que os do grupo de controlo, mas a diferença não foi tão significativa. O investigador admite que o facto de o universo das inquiridas não ser muito grande



Só metade das vítimas respondeu ao inquérito sobre a reincidência das agressões

(83 no primeiro grupo e 59 no segundo) pode ter influenciado os dados e precisa que apenas 50% das vítimas contactadas responderam a este inquérito. “Temos que continuar a estudar o projecto para perceber se a descida da taxa de reincidência é consistente e se mantém com o passar do tempo”, afirmou Jorge Quintas.

Nos quase três anos do projecto, o DIAP do Porto recebeu 2707 inquéritos. “Foram sinalizados 1128 casos de carácter especialmente urgente ou a inspirar especiais cuidados, nos quais foram cumpridos 305 mandados de detenção fora de flagrante delito, com 27 prisões preventivas aplicadas”, afirma Teresa Morais. Foram aplicadas 63 medidas de afastamento e de proibição de contactos com a vítima e também 63 medidas de teleassistência.

Presente na apresentação destas conclusões, a procuradora-geral da República, Joana Marques Vidal, considerou os números das participações de violência doméstica em Portugal “avassaladores”, mas admitiu que o seu aumento se explique porque “há mais consciência cívica” e “mais confiança nas respostas” das instituições.

De 1 de Janeiro a 31 de Dezembro de 2015, registaram-se 29 homicídios de mulheres. E nos últimos 12 anos houve uma média anual de 36 mulheres mortas, recordou a procuradora-geral distrital do Porto, Raquel Desterro.

A magistrada explicou que o projecto *Um Passo Mais* já está a ser replicado em várias comarcas do distrito judicial do Porto, embora nem sempre com os mesmos parceiros. “Em todas as comarcas do nosso distrito judicial existem secções especializadas na investigação da violência doméstica ou, nos casos em que tal não se justifica, magistrados específicos para a investigação destes crimes”, realçou Raquel Desterro.

Já Joana Marques Vidal considerou que o muito que se foi fazendo sobre a questão da violência doméstica “nunca será o suficiente” e enumerou desafios: “Melhorar a capacidade e eficiência de avaliação de risco” e criar uma “ficha de risco” são um “passo importante para prevenir a repetição de casos trágicos”, disse, recordando que, em 24 casos de mortes por violência doméstica, o Ministério Público verificou que “nove desses casos tinham tido participações anteriores”.



## Participações de violência doméstica subiram 50%

● As participações de violência doméstica aumentaram 50% entre 2013 e 2015, revelou a procuradora-geral da República. Joana Marques Vidal, que falou ontem na sessão de abertura do colóquio Violência Doméstica, realizado no Departamento de Investigação e Ação Penal do Porto, considera o número de participações «avassalador», embora admita que o seu aumento se explica porque «há mais consciência cívica», e porque «há mais confiança nas respos-

tas dos que participam». Foi na Comarca do Porto que se registaram mais participações de violência doméstica no ano passado, seguindo-se a de Lisboa, Lisboa Este e Braga. Os dados de 2015 confirmam 29 homicídios no feminino, tendo a média dos últimos 12 anos chegado às 36.

Na violência doméstica, um crime público, as principais vítimas são mulheres, sendo necessário, disse a procuradora, melhorar a avaliação do risco.





## MONTANHA

### Paulo Gomes vence 12 kms Manteigas-Penhas Douradas

Paulo Gomes (Benaventense) venceu no domingo os 12 kms Manteigas-Penhas Douradas, a mais antiga corrida de montanha realizada em Portugal.

O atleta de Celorico da Beira concluiu a subida em 48mn51s8', menos 59 segundos que Pedro Arsénio (Reboleira). O terceiro classificado foi José Carvalho (Académico de Mogadouro), com o tempo de 50mn25s5'.

Nas senhoras venceu Emilia Kumós Piseiro (Benfica), com a marca de 1h01mn43s, seguida de Lucinda Moreiras (FC Penafiel) e de Lurdes Pereira (Taipas). Organizada pelo Centro Cultural e Desportivo dos Trabalhadores da Câmara Municipal de Manteigas, em colaboração com a autarquia, a prova incluiu também uma caminhada e uma corrida de BTT. A partida aconteceu em



frente aos Paços do Concelho e a meta ficou instalada a 1.500 metros de altitude. A competição faz parte do Troféu Spiridon e do Circuito Nacional de Montanha e contou aproximadamente com cerca de oitocentos participantes, oriundos de vários pontos do país e do estrangeiro. Tal como no ano passado, parte da receita com inscrições reverteu para a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

ALUNA DA EPB PROMOVEU DEBATE

# Violência doméstica motivou reflexão na Junta de S. Victor

© JOSÉ CARLOS FERREIRA

**O** auditório da Junta de Freguesia de S. Victor encheu na sexta-feira à noite para refletir sobre a problemática da violência doméstica em Portugal.

A iniciativa partiu de Cátia Silva, aluna da Escola Profissional de Braga (EPB), que cumpriu, desta forma a sua prova de aptidão profissional.

A abrir a esta sessão foi exibida uma curta-metragem produzida e realizada por alunos daquele estabelecimento de ensino, onde a violência doméstica é abordada nas suas

ta iniciativa foi precisamente um testemunho na primeira pessoa, de uma vítima de violência doméstica.

Sem medos, mas de voz embargada nos momentos mais marcantes, Teresa Machado deixou um alerta muito sério, realçando que, como docente, reco-

”

**O debate pretendeu ser um momento de reflexão para prevenir situações.**

vel por forma a que denunciem quando se sentirem violentados pelos seus parceiros.

Aliás, a violência no namoro foi um dos aspetos bastante focados ao longo da noite.

O advogado e docente na EPB, Paulo Aires deu conta de já ter ajudado alunas que lhe bateram à porta a pedir auxílio. Segundo recordou, em 2015, morreram 28 mulheres em Portugal vítimas de violência doméstica e, neste mesmo ano, foram abertos 28.322 inquéritos.

Paulo Aires falou ainda na legislação em vigor e nas alterações que ela so-



Painel de convidados que debateu a problemática da violência doméstica

múltiplas facetas. A preto e branco, o filme foi o mote de partida para um serão onde "prevenção" e "denúncia" foram palavras que mais se ouviram

Segundo sublinhou Cátia Silva, «a violência doméstica é uma problemática recorrente nos dias de hoje e assume cada vez mais proporções a nível dos efeitos colaterais, nomeadamente com os menores ligados à família disfuncional».

E um dos momentos mais marcantes des-

nece os olhares magoados de algumas alunas e alunos que são violentados pelos seus parceiros.

E a violência, sublinhou, não é apenas física. Ela também existe quando o namorado, ou a namorada exerce um controlo exagerado.

Vítima de ação violenta continuada, Teresa Machado salientou a importância de alertar as pessoas para esta problemática e, sobretudo, os jovens, para que estejam munidos de toda a informação possí-

freu desde que foi criada em 2007.

Assunção Botelheira, psicóloga da Associação de Apoio à Vítima, aproveitou para falar, precisamente da APAV e do trabalho que desenvolve, lembrando que a violência doméstica não escolhe estratos etários e sociais.

Por fim, o subcomissário da PSP, Ricardo Amal, abordou o trabalho da polícia e o apoio que presta às vítimas, incentivando sempre à denúncia.





ID: 63565819

11-03-2016

Vítimas de agressão doméstica homenageadas em Leça da Palmeira

# 500 pessoas foram violentadas em 2015 em Portugal

Foi com uma largada de 500 balões cor-de-rosa e um branco que se iniciou a cerimónia do Dia Internacional da Mulher em Leça da Palmeira, promovido pela Junta de Freguesia das União de Matosinhos e Leça da Palmeira, presidida por Pedro Sousa, na tarde da última terça-feira. E foi o autarca, apoiado a uma bengala, por se ter lesionado num desafio de futebol dias antes, a largar o balão amarelo. Ao acto simbólico, na escadaria da Autarquia, assistiram dezenas de pessoas que participaram, horas depois, na tertúlia que se seguiu no salão nobre. Os 500 balões amarelos simbolizavam o número de Vítimas de Violência Doméstica em 2015.

A Tertúlia, no Salão Nobre, foi subordinada à temática "Papel da Mulher no séc. XXI", tendo como oradoras Madalena Couto, da Associação para o Apoio à Vítima, Alexandra Lopes, da Faculdade de Letras da Universidade de Porto, e Fátima Ferreira, da Universidade do Minho. Da parte da manhã já se tinham realizado outras acções, de entre as quais visitas a associações e instituições locais, onde foram oferecidas flores, Mercado de Matosinhos, Associação dos Pescadores Aposentados de Matosinhos (APAM), Escola Básica de Matosinhos, Escola Secundária da Boa Nova, Associação dos Amigos Aposentados de Leça da Palmeira, Escolas Primárias, entre outros, foram alguns dos locais visitados pelo presidente da Junta.

Em declarações ao JM, Pedro Sousa referiu que "assinala-se hoje o Dia da Mulher, no qual se homenageia aquele conjunto de operárias que perderam a vida, há mais de 100 anos, numa fábrica, pois estavam em greve por melhores condições de trabalho para as mulheres, um direito que não existia. Hoje homenageamos também o espírito e a memória dessas mulheres. No entanto queremos ir um pouco mais além e homenagear todas aquelas que em 2015 foram vítimas de violência doméstica em Portugal. Infelizmente houve 28 que faleceram, sendo uma delas de Matosinhos, e por isso lançámos um balão branco lembrando essa matosinhense falecida, bem como os 500 balões cor-de-rosa, simbolizando as 500 vítimas em 2015 em Portugal".

Para o autarca, "esta é uma homenagem muito simbólica, mas bastante sentida. Temos a presença de algumas mulheres que se juntaram a este acto e vamos ter já de



seguida, dando continuidade a este momento, uma tertúlia onde se vai discutir o papel da mulher no Século XXI, mas também os constrangimentos, ainda hoje, para que casos de violência não voltem a acontecer. É necessário reforçar a articulação das mais diferentes entidades, a comunicação é muito importante. A prevenção é determinante, mas depois quando temos conhecimento dos casos de agressão, a articulação entre todas as entidades é de facto primordial".

A Junta de Freguesia, "consciente do nosso papel, querendo marcar a sua posição, decidiu lançar os balões, homenageando as vítimas e, acima de tudo, mostrando que está atenta a esta temática, preocupada com este assunto, e tentando trazer à colação várias entidades e pessoas que estão mais do que habilitadas para falar sobre o assunto, designadamente a APAV e duas professoras que irão falar sobre esse tema, que deve preocupar todos, pois diz respeito a toda a comunidade. A violência doméstica é um assunto que não podemos ignorar, fazer de conta que

não existe. Temos é de estar atentos, procurando as melhores soluções para as mulheres e homens vítimas de agressões, para que não haja mais mortes por violência doméstica".

Maria Helena Conde, da APAV, mais concretamente do Gabinete de Apoio à Vítima do Porto, referiu que actualmente faz "imenso sentido" assinalar o Dia Internacional da Mulher, porque "apesar de hoje em dia alguns direitos nos serem garantidos, enquanto mulheres, ainda assistimos à existência de várias vítimas, a quais os direitos são negados. As estatísticas mostram que as mulheres continuam a ser maioritariamente vítimas, e portanto é importante haver iniciativas como esta no sentido de alertar a população feminina bem como os homens para esta problemática".

Questionada para a existência, em pleno Século XXI, de tantas agressões a mulheres, Maria Helena Conde reconheceu que "a violência doméstica sempre existiu, mas nos nossos dias, temos conhecimento de mais casos porque há uma maior procura dos

serviços competentes no apoio às vítimas. As desigualdades de género continuam a existir. O que reparamos em acções como esta, por exemplo iniciativas de sensibilização nas escolas, é que há muitos estereótipos enraizados e a desvalorização da mulher, como ser mais frágil e mais facilmente vítima. Pretendemos combater essas noções. Há todo um conjunto de dinâmicas que fazem também com que a vítima se mantenha nessa situação de violência, bem como factores de risco, que potenciam a violência, como é o caso da situação de crise, desemprego, consumo de substâncias ilícitas, pois potencialmente aumenta o risco de violência doméstica".

Entretanto, no seguimento desta comemoração no próximo domingo, no âmbito do "Põe-te a Mexer", haverá na marginal de Leça da Palmeira, às 10 horas, uma caminhada solidária a favor da Liga Portuguesa contra o Cancro.

José Maria Cameira





# Caiu-me uma mulher em risco no colo

Comemorou-se recentemente o Dia Internacional da Mulher, e eu enquanto indivíduo do sexo feminino pergunto-me se ainda faz sentido este dia? Reza a história que se deve assinar o dia 8 de março em memória do grupo de mulheres operárias americanas que, heroicamente perderam a vida num episódio criminoso, em prol da igualdade de tratamento entre homens e mulheres. A questão do género condicionará o nosso percurso de vida? A desigualdade intensifica-se devido a critérios geográficos? Sem dúvida que nascer mulher na Europa, não é o mesmo que nascer mulher na Arábia Saudita. Mas será só isso? Serão as mulheres europeias umas privilegiadas, ou esta ideia é ela própria uma forma camuflada de ocultar a violência sobre as mulheres? Última-

mente, somos inundados pelos media, com o velho e sempre atual, problema da violência doméstica, que e apesar dos números dizerem que não é um crime exclusivo contra a mulher, estas continuam a representar em 85% dos casos (APAV; 2014) a vítima predominante. Em 2009, demos um passo de gigante, ao passar o crime de violência doméstica para crime público, no entanto do ponto de vista funcional e das medidas imediatas pouco mais se fez. Ousem fazer o percurso de uma vítima de violência doméstica e facilmente se aperceberão, que se a vítima não tiver condições socioeconómicas e ou suporte familiar, poucas alternativas lhe restam. Vejamos, após a ida ou internamento na unidade hospitalar, seguindo da queixa ao balcão do serviço policial, resta à vítima regressar a casa

onde terá que saber lidar com o agressor. Pior é, nos casos onde existem vitimas das vitimas, isto é as crianças. Os pequenos seres, são então encurralados para o cenário familiar de agressões de todos os tipos, onde para além das sequelas psicológicas e físicas têm em muitos dos casos, que salvar as suas pequenas vidas. A mãe que se entrega a si e aos seus filhos, às águas do Tejo num último gesto de desespero, a mulher que é levada para casa abrigo deixando para traz as suas raízes e pertences, aquelas que vezes sem conta, dormem no medo, na angústia de um possível acordar, até às companheiras que num dia fartas de tanta violência acabam elas próprias por matar o agressor. O país fica chocado, colocam-se fotos nos murais das redes sociais, deitam-se flores ao mar e



depois? Depois, voltamos às nossas vidinhas até um novo caso e lá recomeça o dito debate publico. E as instituições e entidades como agem? Fazem discursos, daqueles do politicamente correto, apontam as culpas e responsabilidades umas para as outras, usando o obsoleto discurso dos meios, e há outras ainda, que instrumentalizam a questão da violência doméstica como arma política, como meio para a percussão de interesse pessoais, numa espécie de carreirismos ou ainda ao serviço do poder

politico. Estarão os meios prontos e serão eficientes para evitar e poupar essas vidas? Está de facto toda a sociedade envolvida neste combate e empenhada em salvar as vitimas? Em 2014 só 16% dos casos sinalizados pela APAV é que tiveram a cooperação da segurança social, enquanto que na maioria dos casos (30,4%) recorreu-se à intervenção e participação das entidades policíacas. Pois é, se nos cair uma vítima de violência doméstica no colo, lá vamos nós à Polícia... e depois? •




**Conselho Editorial**

## Produto e campanha do mês

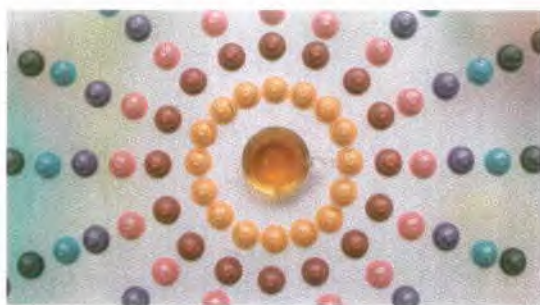
*Todos os meses, os membros do Conselho Editorial da Marketeer, depois de receberem as propostas da redacção, elegem o produto/serviço e a campanha que, na sua opinião, mais marcam a actualidade. Estes são os eleitos do mês passado*

**> PRODUTO/SERVIÇO**

Vencedor

Marca: Lipton

Produto/serviço: Chás Lipton em cápsulas



A Lipton apresenta as cápsulas de chá compatíveis com o sistema das máquinas Nespresso. Com três sabores – lúcia-lima & menta, frutos vermelhos, e ainda camomila, laranja & mel –, a novidade já está à venda em hipermercados e supermercados, em embalagens de 10 unidades.

Para quem não está habituado à ideia de fazer chá numa máquina de café, a Lipton lançou um vídeo em que explica passo a passo como tudo se processa. Em cerca de um minuto, a marca dá a conhecer as seis etapas necessárias para preparar uma chávena de chá Lipton com a ajuda de uma cápsula.

**> CAMPANHA**

Vencedor

Marca: McDonald's

Campanha: Manhã Começa com M



A McDonald's Portugal tem disponível nos restaurantes uma nova oferta de pequeno-almoço. A novidade está a ser comunicada com uma campanha multimeios, que representará um investimento de um milhão de euros. Sob o conceito "Manhã Começa com M", a campanha está presente em televisão, rádio, imprensa, online, exterior, restaurantes, Facebook e site da McDonald's Portugal. Os spots que estão em televisão foram desenvolvidos em Portugal com criatividade da TBWA\ Lisboa, produção da Ministério dos Filmes e Slow Studio, estando o plano de meios a cargo da OMD. As activações de digital estão a cargo da Fullsix Portugal e a comunicação da LPM.

**TAMBÉM EM DESTAQUE...**


**Delta Q com ementas Chakall**  
A Delta Q fez uma parceria com o chef Chakall para desenhar a nova ementa das lojas da marca. Na calha e para as mesmas lojas está já a ser desenvolvido pelo chef um menu de brunch.



**App Farmácias**  
Permite, em poucos toques, encomendar medicamentos online e recebê-los no domicílio. A novidade foi introduzida na nova versão da aplicação móvel das Farmácias Portuguesas.

**TAMBÉM EM DESTAQUE...**


**A natureza tem a nossa marca**  
A nova comunicação do Continente para os produtos frescos assenta no reforço da ligação da marca à natureza. A comunicação tem assinatura da agência Fuel.



**APAV trata temas da violência**  
Desenvolvida pela Carmen, a campanha "Se te marcam, sabes com quem podes partilhar" trata os temas da violência psicológica e física no namoro, para chegar a um público jovem.



## Violência contra idosos é cada vez mais visível

Estudo de 2014 estimava que 12,3% dos idosos fossem alvo de maus tratos

Portugal tardou a reconhecer que os idosos podem ser vítimas de maus tratos no seio da família. E as estatísticas sobre isso “ainda são menos abundantes do que as relativas a outras formas de violência doméstica”, nota a socióloga Isabel Dias, professora na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A visibilidade do fenómeno está, por fim, a crescer.

A sociedade está cada vez mais envelhecida. O Relatório Anual de Segurança Interna não permite perceber quantos idosos se queixam de violência, mas o número de casos que vão chegando à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima vai mostrando a tendência de crescimento de denúncias: passou de 774 em 2013 para 852 em 2014 — os dados de 2015 só serão revelados no final de Março.

“Haverá grandes cifras negras”, lembra Teresa Morais, procuradora do Departamento de Investigação e Ação Penal do Porto (DIAP) que coordena uma secção dedicada em exclusivo aos crimes de violência doméstica e maus tratos. “É mais complicado para um idoso chegar às instâncias formais e fazer uma denúncia.”

O primeiro estudo sobre a prevalência de violência contra idosos na população portuguesa, apresentado pelo Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge (INSA) em 2014, admitiu uma prevalência para os vários tipos de agressões de

12,3% ao longo de um ano (314 mil casos). O estudo, conduzido pela socióloga Ana Gil, conclui que o cônjuge/companheiro é o grande protagonista de violência física (49,5%). Seguem-se os filhos (30%) e as filhas (8,9%). A agressão também pode ser perpetrada por noras/genros (3%) ou outros familiares (5%), nomeadamente netos (2,3%) ou netas (0,2%). Quando se fala de negligência, o peso de filhos (27,3%) e filhas (21,3%) aumenta. Em qualquer caso, impera o silêncio: 64,9% não falam sobre a situação nem apresentam queixa.

“É algo muito difícil de aceitar”, torna Teresa Morais.



A violência, sobretudo quando perpetrada por descendentes, “repercute-se muitas vezes na vítima como uma assunção de que ela própria falhou e que toda a sua actual vivência é, no fundo, resultado de um prévio fracasso educativo ou inter-relacional”, explica a procuradora. Ao medo, à tristeza e à vergonha junta-se

um enorme sentimento de culpa.

Entre os factores de risco, muitos investigadores colocam a elevada dependência dos idosos, a nível de prestação de cuidados, mas consideram também a dependência financeira dos membros da família, sobretudo cônjuges ou filhos. Há mesmo quem entenda, sublinha Isabel Dias, que “os perpetradores de abusos sobre os idosos são mais dependentes do que o contrário”. A dependência de que fala nota-se, sobretudo, no domínio da habitação ou do sustento.

Há outros factores. Admite-se a possibilidade de transmissão geracional (as pessoas que maltratam idosos teriam crescido em ambientes violentos) e do stress potenciar comportamentos violentos (aspectos como o desemprego, a falta de dinheiro, o divórcio). Isabel Dias acha importante ponderar também a qualidade da relação dos idosos com os cônjuges ou filhos.

Na opinião de Teresa Morais, há que pensar nas respostas que existem. O sistema penal está longe de fornecer todas as respostas necessárias a estes casos. O que acontece quando o cuidador é o agressor?, questiona. “Ou tiramos o cuidador da casa e o idoso fica sozinho, apenas com instâncias sociais que tratam da higiene, da alimentação, da casa, e falta aí muita coisa, a pessoa também vive de afectos, de interacção. Ou o institucionalizamos e desenraizamos.” **A.C.P.**





A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) pediu ontem que a isenção do pagamento de custas judiciais seja ponderada para outros crimes além da violência doméstica, sob pena de ser criada uma hierarquia nos crimes.



Violência doméstica foram base de trabalho na Escola Profissional de Torres Novas

## «A violência doméstica não se confina aos que são casados»

Na quarta-feira, dia 9, no auditório da Nersant, decorreu uma palestra sobre violência doméstica e maus tratos, dirigida aos alunos da Escola Profissional de Torres Novas, no âmbito do trabalho da Prova de Aptidão Profissional da aluna Daniela Rosário, do 3º ano do curso de Comunicação.

Para a palestra foram convidados representantes da APAV, Associação de Apoio à Vítima, da GNR de Santarém, através do núcleo especializado de apoio à vítima, e do Instituto Nacional de Medicina Legal.

Depois do representante do Instituto de Medicina Legal falar sobre o papel da instituição na observação da vítima, pormenorizando o trabalho e a sua importância para a recolha de provas,

foi a vez da APAV dar a conhecer a forma como se distribui pelo país, com 15 gabinetes, estando na região localizado em Santarém.

«A violência doméstica não se confina aos que são casados», explicou Gustavo Duarte ao jovem auditório. Pode também ocorrer entre namorados ou ex-namorados. Se nessa situação existir violência, física ou psicológica, configura num crime de violência doméstica, esclareceu. E como se trata de um crime público, «qualquer pessoa pode denunciá-lo». E todos seremos importantes para «mudar mentalidades e salvar pessoas». Também os idosos são um grupo em que, nos últimos anos, têm aumentado os crimes de violência doméstica que são denunciados. Aí, os mais comuns, são os

crimes de negligência ou de violência económica.

A Guarda Principal Catarina Maurício, da GNR e investigadora na área há 12 anos, dinamizou a sessão, interpelando os jovens e chamando-os a participar no debate. Com um estilo interventivo deu exemplos de relações desequilibradas, dando conselhos aos mais novos sobre os abusos que são cometidos e que configuram em crimes de violência doméstica. Contou também que mesmo sendo contra a vontade da vítima, que muitas das vezes se encontra numa situação fragilizada, a investigação pode ocorrer. Puxou a velha máxima de que “entre marido e mulher ninguém mete a colher”, para a classificar como «Mentira!». Deu exemplos dos trabalhos desenvolvidos em 2015,

onde o núcleo com que trabalha fez 5 detenções no distrito, sendo que 4 das situações eram de violência sobre idosos.

Em declarações a “O Almonda” a aluna Daniela Rosário explicou que escolheu o tema por o considerar «importante», pois «assola a sociedade» e espera que a apresentação pública tenha contribuído para ajudar a mudar mentalidades e também comportamentos. Foi um tema a que quis «juntar a voz», disse. A Prova de Aptidão Profissional é uma prova final, onde o aluno tem de demonstrar o conjunto de conhecimentos e competências adquiridos e Daniela com a ajuda da professora orientadora, Célia Maurício, realizou todo o trabalho de organização da conferência.

LML





# Quando o Facebook é uma arma para a violência doméstica

Órgãos de investigação criminal lidam cada vez com mais casos de violência doméstica associada à Internet e às novas tecnologias

**Internet**  
Ana Cristina Pereira texto  
Paulo Pimenta fotos

Primeiro pensou que era engano. Depois percebeu que não. O ex-marido publicara um anúncio num *site* pornográfico com o nome e o número dela. O telemóvel a tocar, a tocar. Preocupou-se para a GNR. “Nem conseguia controlar as minhas fezes, nem a minha urina, de tal maneira estava alterada.”

Dir-se-á que é um sinal dos tempos. “Ainda temos uma violência doméstica muito tradicional – um vai rebaixando o outro, muitas vezes, até chegar à violência física –, mas há cada vez mais recurso à Internet e às novas tecnologias”, nota Teresa Morais, que no Departamento de Investigação e Acção Penal (DIAP) do Porto coordena a secção que investiga este tipo de crimes.

Computadores, telemóveis, GPS podem fazer parte do arsenal usado por um agressor de qualquer idade, género ou orientação sexual, observa Vieira Pinto, chefe do Núcleo de Investigação e de Apoio a Vítimas Específicas da GNR no Porto. Para aborrecer, intimidar ou controlar a vítima.

Isabel viveu dois anos de namoro e nove de casamento. “No início, passávamos muito tempo juntos. Ele tinha acabado de fazer uma desintoxicação, precisava de vigilância, não tinha amigos. Os amigos dele eram de outro tempo. Eu deixei de conviver com os meus amigos para estar com ele.”

O mal-estar surgiu com o nascimento do filho. A vida de Isabel deixou de girar em torno do marido. “Eu deixei de ser a mãe dele, passei a ser a mãe do meu filho. Ele começou a andar mais alterado, a implicar com o que eu fazia. Exaltava-se. Dizia: ‘És uma merda, não vales nada, não serves para nada!’”

Os ciclos repetiam-se: tensão, ataque, apaziguamento. “Eu nada dizia para o ambiente estar mais estável. Eu não queria que o miúdo assistisse a discussões, a berros.” Encurtava o sossego. Cresciam a desconfiança, a violência. “Começou a controlar o meu telefone e o Facebook.”

Isabel não percebia como ele adinhava os seus movimentos. Só depois de apresentar queixa, soube que ele lhe montara um GPS no carro – a GNR apreendeu o aparelho e analisou os registos. Ele também monitorizava a actividade dela na Internet. Instalou um programa que lhe permitia aceder às palavras-passe, ler todas as mensagens entradas e saídas da caixa do correio electrónico ou do programa de conversação do Facebook, saber em que *sites* tinha navegado.

A violência sexual, diz, tornou-se comum. “Eu tinha de cumprir as minhas obrigações quer me apetecesse quer não me apetecesse. Estando ele bem, não queria saber se eu estava bem ou não. Se eu não cedesse, começava logo: ‘Só pensas em ti. És egoísta. Não vales nada!’ Atacava-a também pela forma física. ‘És uma baleia. Pensas que és boa. Melhores do que tu tenho eu ao pontapé.’”

## Retorno ou inferno

Um dia, Isabel gritou “basta”. “Ele pôs o televisor aos berros. Foi para a sala, pôs o televisor da sala aos berros. Eu desliguei o do quarto. Ele começou a ligar-me para o telemóvel. Eu desliguei o telemóvel. Ele começou a ligar para o telefone de casa. Eu pus o telefone fora do descanso. Ele pôs-se a berrar da sala para o quarto. O meu filho acordou. Peguei nele e saí de casa.”

Eram três da manhã. Ela refugiou-se em casa da mãe. Ele seguiu-a, fincou pé à porta, ordenou-lhe que voltasse a casa, a menos que desejasse o inferno. “Eu disse-lhe que enquanto ele não se tratasse não valia a pena”, conta. Divorciaram-se. Não conseguiram chegar a um acordo sobre o apartamento comprado com recurso a empréstimo. Entregaram-no ao banco. Declararam insolvência.

Isabel arrendou um apartamento para morar só com o filho, mas acabou por partilhá-lo com o ex-marido. “Ele disse-me que estava a tratar-se, que não tinha para onde ir, para eu lhe dar uma oportunidade, que queria estar comigo e com o filho. E eu... burra... deixei-o vir.” Sentia pena dele. E desejava que ele tivesse mudado. “Querida acreditar que as



coisas podiam ser diferentes.” Finda a fase de lua-de-mel, recomeçaram as alterações de humor, os insultos, o controlo. De nada serviu Isabel pedir-lhe que se fosse embora. “Ele disse: ‘Enquanto não organizar a minha vida, não saio daqui. E tu tens de continuar a ser minha mulher, tens de cumprir as tuas obrigações!’”

Desatou a chantageá-la. “Quase todos os meus amigos eram amigos dele. Ele fazia questão de pedir amizade às pessoas que eram minhas amigas no Facebook. Ele dizia que ia falar de mim, publicar fotos íntimas, deixar a minha imagem na lama. Eu ia ficar na miséria, nem ia ter para dar de comer ao meu filho, porque ele ia dar

cabo do meu emprego. Eu ia ter de sair daqui e de ir para longe, porque nem ia conseguir olhar para as pessoas.” E, assim, “sob ameaça”, ela ia tendo relações sexuais com ele.

Certo dia, um primo de outra cidade veio passar um fim-de-semana. “Pensavas que eu já cá não estava e que ias metê-lo na tua cama!”, gritou o ex-marido de Isabel. “Para ele, eu dormia com toda a gente.” Voltou a forçá-la a ter sexo. O primo percebeu. De manhã, levou-a à GNR. Os militares foram lá a casa dizer ao homem para sair. Ele pediu tempo para se organizar e eles deram-lhe dois dias.

Isabel aguardou em casa da mãe. “Ele tirou o que quis. Levou quase

tudo. Ainda me exigiu dinheiro pelo que deixou – o frigorífico, a placa, os televisores.” E instalou-se no apartamento ao lado. Isabel manteve-se em casa da mãe. “Ainda cheguei a dormir uma ou duas noites em casa para ver o que acontecia. Ele mandava-me mensagens a dizer: ‘Estou a ouvir-te. Não consegues dormir. Andas a pé.’ Querida que eu me sentisse assombrada, sei lá. Também mandava mensagens a dizer que me deixava em paz se eu fosse para a cama com ele mais uma vez.”

Partilhou no Facebook uma fotografia de Isabel no banho e numerosos comentários maldosos. “Escreveu que me deitava com todos, que





**Há agressores que assumem a identidade das vítimas, como Isabel, entrando nos seus perfis. Ou que recorrem a GPS e câmaras de vídeo para as vigiar**



gostava de estar com não sei quantos ao mesmo tempo, que pedia dinheiro emprestado ao meu patrão e lhe pagava de joelhos. Chegou a usar o nome do meu falecido pai. “Coitado, que deve andar às voltas na cama com vergonha da filha que tem.”

Isabel afligia-se, sobretudo pelo filho, então com cinco anos. E se tudo aquilo lhe caísse em cima, um dia qualquer, na escola? “Os pais vêem, comentam em casa, os miúdos apercebem-se. A gente sabe como são os miúdos.” Já bastava ela sentir-se olhada de lado na rua e no trabalho. Teve de falar com o empregador. “Quando ele o começou a meter ao barulho, tive de lhe contar para ele

estar preparado.” Medo, ansiedade, vergonha. “Não acabei com a minha vida porque pus o meu filho à frente do meu desespero”, diz.

Subitamente, ele roubou a identidade dela e publicou um anúncio num *site* porno. O telefone tocou uma, dez, 20, 30 vezes. Ficou em estado de choque. Conduziu até à GNR. “Naquele dia, se ele se atravessasse à frente do meu carro, eu matava-o. Contactei o *site* a dizer que o anúncio era falso, para o retirarem imediatamente, que eu já tinha apresentado queixa, e eles retiraram.”

A casuística, no Núcleo de Investigação e de Apoio a Vítimas Específicas da GNR, já mostra agressores

capazes de retirar informação dos perfis das vítimas, de assumir a identidade delas e de, assim, publicar anúncios, fazer compras, enviar mensagens. E agressores capazes de enviar, de forma sistemática, mensagens abusivas. Ou de recorrer a GPS e a câmaras de vídeo para as vigiar.

“Pôr gravadores a gravar o que a pessoa diz ou câmaras escondidas para filmar cada movimento da pessoa é uma forma de manter uma dinâmica de poder, de controlo”, diz a psicóloga forense Catarina Ribeiro, investigadora na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica. Sempre existiram formas de controlo: ler a correspondência, vasculhar as gavetas, revistar a carteira. Com a evolução tecnológica, abrem-se possibilidades mais elaboradas.

Um centro de estudos britânico já enumerou quatro “A” que distinguem a violência relacionada com a tecnologia: anonimato, acessibilidade, acção à distância, automação. Embora possa ser intensa, não só é menos aparente a quem está de fora, como requer menos tempo e esforço para perpetrar.

A GNR encontrou o sistema de GPS que o ex-marido de Isabel usava. Apreendeu os equipamentos com mais de mil fotografias dela, de carácter íntimo ou mesmo sexual. Encheu mais de 400 páginas com mensagens que ele lhe enviou por diferentes meios. “Ele estava com uma pulseira electrónica, impedido de se aproximar de mim, de me contactar. No entanto, morava na casa ao lado, ligava-me centenas de vezes por dia, man-

## Denúncias já são feitas pelas redes sociais

O uso da Internet e das novas tecnologias também está a gerar preocupação a quem acolhe mulheres e crianças vítimas de violência doméstica, como referiu ainda este mês Joana Sampaio, directora técnica da casa-abrigo gerida pela organização internacional de mulheres Soroptimist — Clube do Porto. Os agressores podem estar nas redes sociais a vigiar os perfis das vítimas, dos familiares e dos amigos em busca de informação que lhes permita localizá-las, intimidá-las ou mesmo agredi-las. Mas não são só más notícias. Só no ano passado, 45 casos chegaram à GNR através do Facebook, informa o major Marco António Ferreira da Cruz, chefe da divisão de comunicação e relações públicas da GNR. Os especialistas apontam outras vantagens: há maior acesso à informação sobre a legislação em vigor e as respostas existentes. Desde logo, por exemplo, sobre os núcleos de atendimento a vítimas. **Ana Cristina Pereira**

dava-me centenas de mensagens.”

A 19 de Março de 2015, Dia do Pai, ele ia jantar com o filho. Isabel foi a casa buscar roupas. “Bateram à porta. Era o meu filho. Eu abri. Vi que o meu ex-marido também estava lá fora. Segui as indicações da GNR: ‘Se você estiver à porta e ele aparecer, feche-se.’ Como o meu filho estava cá fora, fechei-me cá fora. Ele mandou o miúdo para o carro e agarrou-me nos braços. ‘Eu vou-te matar, vais aparecer numa valeta!’ Tentou dar-me uma cabeçada e eu tive o reflexo de fugir para trás. Consegui soltar-me e empurrá-lo. Desatei a correr para o café que havia ao lado de minha casa. Era onde estaria gente, não é? Ele foi atrás de mim. Eu pus-me atrás do balcão. O dono do café disse-lhe: ‘Aqui não!’ Chamei a GNR. Ele foi embora com o miúdo.”

Isabel pediu a revisão das medidas de coacção enquanto o ex-marido aguarda o julgamento. A juíza estabeleceu um mês para ele mudar de casa. Disse-lhe que iria para a prisão se continuasse a violar a ordem para não contactar a ex-mulher. “Eu tenho um dispositivo que me avisa da proximidade dele. Não se pode aproximar da minha casa nem do meu trabalho. Está proibido de me contactar até por sinais de fumo.” Passou um ano, mas Isabel ainda não anda descansada. As visitas da criança fazem-se com recurso a intermediário. “Tive de lhe pôr um processo por ele nunca ter pago pensão de alimentos. No fim de Fevereiro, descontaram-lhe [o valor] no ordenado. Tive medo, mas ele não fez nada.”





ID: 63743774

27-03-2016

Resposta do País não está preparada para os casos em que a mulher é agressora

# Homens agredidos denunciam mais

VIOLÊNCIA

Carla Ribeiro

carlaribeiro@jm-madeira.pt

**A violência começou por ser psicológica. Desta à física, passaram-se poucos dias. António Manuel não aguentou. Fugiu de casa mas não apresentou queixa por vergonha e medo de perseguição.**



Os homens vítimas de agressão têm menos vergonha de apresentar a denúncia.

António Manuel, de 40 anos, está divorciado há 10. Durante 8 anos de casamento, foi vítima de maus tratos psicológicos infligidos pela mulher por quem se apaixonou quando ainda era adolescente mas com quem veio a casar já depois dos 30. Os primeiros anos de casamento, conforme nos conta, foram bonitos e sem muitos conflitos.

Quando o filho nasceu, dois anos depois de António Manuel subir ao altar da igreja da Boa Nova, «tudo descambou». António Manuel diz não saber o porquê. Mas suspeita que a mulher ficou com uma depressão pós-parto. Desde então, este homem começou a ser constantemente violentado psicologicamente. E daí até a agressão física, não passaram muitos meses.

Quando havia discussões mais acesas, ou por causa de coisas que ficavam por arrumar

em casa ou por causa da falta de dinheiro ou ainda por causa de ciúmes, a mulher de António Manuel chegava a puxar-lhe os cabelos e uma vez, com as suas longas unhas, arranhou-o num lado da face, deixando-o a sangrar. António Manuel diz que nunca ripostou: «acho que se o fizesse, iria ter os meus sogros atrás de mim. Nunca iria conseguir provar que tinha sido em legítima defesa ou em resposta aos maus tratos de que estava a ser alvo», diz António Manuel. Além disso, a própria mulher ameaçava que se António Manuel a tocasse com «um dedo» iria queixar-se nas entidades competentes. O «remédio» que encontrou foi sair de casa.

Uma saída que não decorreu de uma forma pacífica, até porque, desta relação, havia uma criança. António Manuel nunca, em momento algum da «tortura»

“

**Portugal não tem resposta preparada para os casos em que o homem é a vítima e a mulher a agressora.**

a que foi sujeito, pensou em procurar ajuda. Tinha vergonha e medo de ser perseguido. Admite, ainda nos dias que correm, que neste aspeto, as mulheres estão com melhor sorte. Há associações que as acolhem e casas de abrigo também.

Segundo o estudo realizado recentemente a nível nacional, a resposta do País a casos de violência doméstica não está preparada para as situações em que o homem é a vítima e a mulher é a agressora. As casas-abrigo são só para mulheres e crianças vítimas de violência doméstica e o programa público de tratamento de agressores é só para homens.

O JM tentou ouvir a secretária regional da Inclusão e Assuntos Sociais sobre o fenómeno da violência doméstica na Madeira mas Rubina Leal considerou não ser oportuno uma vez que ainda este mês de março, o tema será

## 300 queixas no masculino

A linha de apoio à vítima da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima), que iniciou o seu funcionamento a 17 de novembro de 2014, registou naquele resto de ano, 185 chamadas e, em 2015, 3.634. Destes, 300 casos aconteceram num cenário em que a vítima da violência era do sexo masculino. Mais de 46% eram casados. Foram abertos 2.303 processos de apoio. Oitenta e quatro por cento das vítimas são do sexo feminino, com idade média de 46 anos. Cinquenta e nove por cento são casadas. Quanto ao perfil do autor do crime, 83% correspondem ao sexo masculino, com idade média de 45 anos. Recorde-se, tal como o JM noticiou em setembro último, que no período entre setembro de 2014 e 8 de setembro de 2015, entraram na Justiça madeirense, 72 processos, sendo que 40 tinham ido já a julgamento, conforme confirmado pelo presidente da Comarca da Madeira, o juiz desembargador Paulo Barreto.

abordado no Parlamento regional. Sabe-se, contudo, que a exemplo do que acontece a nível nacional, o maior número de queixas vem das mulheres, sendo que os casos de homens que denunciam mais tratos correspondem a números residuais. Mas a nível nacional, sabe-se que começam a aparecer mais denúncias apresentadas por homens. Mas Teresa Morais, do departamento de Investigação e Ação Penal do Porto, referiu recentemente, em declarações ao Público, que se as mulheres têm vergonha de apresentar denúncias, os homens muito mais. Aliás, muitos deles até são vítimas de violência psicológica e nem se apercebem.

Refira-se que o relatório anual de Segurança Interna, com números de 2015, só deverá ser entregues na Assembleia da República no final deste mês de março. **JM**



# Há cada vez mais pais que sofrem agressões dos filhos

Em 2015 chegaram à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima 819 queixas de agressão por parte dos filhos. São mais de duas vítimas por dia. O número tem vindo a aumentar. Em 2013 houve 687 casos e em 2014 foram 706 **Portugal, 10/11**





# Há mais pessoas a pedir ajuda por sofrerem agressões dos filhos

Relatório de 2015 da APAV é hoje divulgado. Mostra que, por dia, quase três pessoas com 65 ou mais anos, três crianças e jovens e 14 mulheres são vítimas de crime ou de outra forma de violência

## Violência Andreia Sanches

Não é um fenómeno novo, mas no ano passado a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) lidou com mais casos de pessoas que tinham sido – ou eram ainda – alvo de alguma forma de agressão por parte dos filhos: 819, ou seja, mais de duas vítimas por dia.

Aliás, se tivermos em conta todas as relações de consanguinidade (avós, filhos, netos, pais, mães, irmãs/irmãos e outros familiares próximos), contabilizam-se perto de 2300 casos. É qualquer coisa como um quarto de todos os acompanhados pela associação, lê-se no relatório anual da APAV, referente a 2015, que será divulgado hoje.

A face mais visível do trabalho da APAV é a violência conjugal – e percebe-se porque: a violência nas chamadas “relações de intimidade” (envolvendo companheiros, maridos e mulheres, ex-maridos e ex-mulheres, namorados, actuais e antigos) representou 58,4% das situações com as quais a associação lidou.

Mas também há cada vez mais relatos em que os filhos são apontados como agressores: 687 em 2013; 706 em 2014 e, como já se viu, 819 em 2015. Aliás, as situações em que os pais são agressores (1104) baixaram ligeiramente (7%), enquanto o número de agressores filhos subiu (16%).

João Lázaro, da direcção da APAV, admite que o grande factor que explica isto é a crescente sensibilização das pessoas – as campanhas a alertar para a violência contra os mais velhos, nomeadamente por parte de filhos e outros parentes próximos, estarão a surtir algum efeito e há mais gente a procurar apoio.

### Bullying sobe 45%

Todos os anos, a APAV – uma instituição particular de solidariedade social, sem fins lucrativos – faz um relatório com o balanço da sua actividade, que se centra muito, mas não só, no apoio directo a quem é vítima de qualquer tipo de crime. Os números globais de 2015 são estes: foram apoiadas 9612 vítimas directas e contabilizados um total de 23.326

crimes (uma vítima pode ser ou ter sido alvo de vários crimes) ou outras formas de violência (o *bullying*, por exemplo, não está tipificado enquanto crime, mas é uma forma de violência).

Algumas médias calculadas no relatório: por dia, quase três pessoas com 65 ou mais anos, três crianças e jovens e mais de 14 mulheres, entre os 18 e os 64 anos, são vítimas de crime ou outra forma de violência. Isto tendo em conta apenas o número das que procuraram apoio na associação. Homens são uma média de 2,1 por dia.

“De 2013 para 2015, registou-se um aumento superior a 8% no número de processos, crimes e outras formas de violência e vítimas”, prossegue o documento.

Alguns tipos de violência ganharam terreno: a chamada violência doméstica, de longe a mais frequente, subiu 10,6%, num ano. São quase 19 mil os crimes contabilizados. Os casos de *stalking* (445) subiram 30,5% – as vítimas de “assédio persistente”,

**Rapariga (52% dos casos). Média de idades: 18 anos. O agressor está na escola. É este o perfil da vítima de bullying que se dirige à APAV**

o termo português mais comum para *stalking*, são em geral mulheres, têm à volta dos 40 anos e um diploma superior. E os relatos de *bullying* (134) cresceram ainda mais: 46%. O perfil da vítima de *bullying* desenhado pela APAV é este: uma média de idades de 18 anos, com predomínio das raparigas (52% dos casos), que apontam um colega de escola (em 60% dos casos) como autor das agressões.

Os crimes de violação baixaram 38% (de 139 para 86) e os de abuso sexual de crianças sofreram pouca oscilação (de 106 para 102).

O relatório de 2015 contém algumas novidades. Uma delas é traçar, pela primeira vez, o perfil das vítimas de violência doméstica em ca-

sais de pessoas do mesmo sexo. A APAV atendeu 131 casos deste tipo – 57 vítimas-homens e 74 vítimas-mulheres.

O perfil dos homens que foram vítimas numa relação *gay* e que recorreram à associação é este: tem, em média, 46 anos (é um pouco mais jovem do que os 388 homens-vítimas em relações heterossexuais); em 36% dos casos, tem o ensino superior; em 41% dos casos, é casado ou vive em união de facto e uma minoria (38%) está inserida numa família nuclear com filhos (o que não se passa nas relações heterossexuais, onde a maioria relata viver em agregados com filhos).

### Crianças e idosos

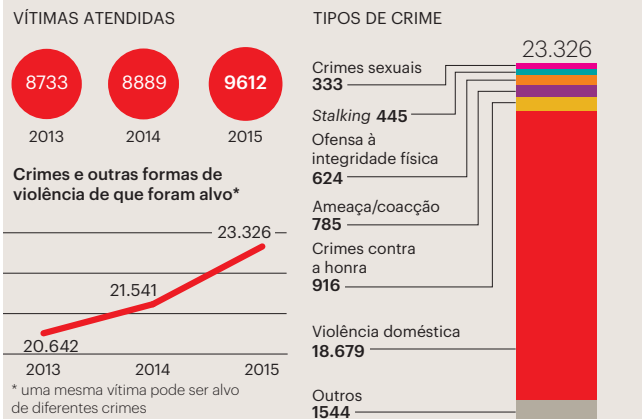
Quanto à mulher que é vítima numa relação *gay*, tem, em média, 44 anos (um pouco mais velha do que a média das mulheres-vítimas em relações heterossexuais), em 52% dos casos é casada, seis em cada dez estão inseridas num agregado com filhos, 42% têm o ensino superior.

“A violência assume formas muito diversas e tem actores muito diversos”, explica João Lázaro. Os perfis das vítimas mostram isso mesmo. Atente-se, ainda, a mais dois tipos de vítimas muito distintos: as crianças acompanhadas são em geral do sexo feminino (54,6%) e têm uma média de idades de 9,9 anos; os idosos são também, na sua maioria (80,5%), mulheres, têm em média 75,4 anos e quase sempre (mais de 90%) estão reformados.

Muitas vítimas contactam a APAV apenas uma vez, para pedir informações. O telefone é escolhido em 60% dos casos (a linha de apoio 116 006 funciona gratuitamente das 9h da manhã às sete da tarde). Mas muitas são acompanhadas ao longo do tempo (ver texto ao lado), nomeadamente para receber o apoio de um psicólogo habilitado. A associação fez um total de 34.372 atendimentos em 2015.

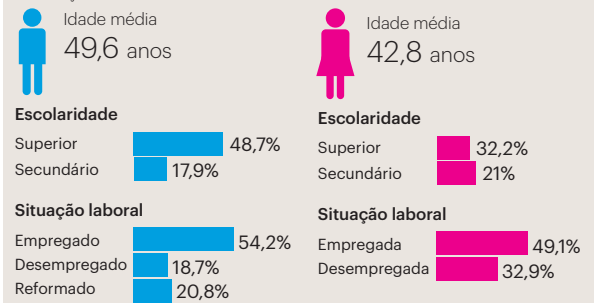
De resto, na maior parte das vezes o que as pessoas têm para relatar são casos de violência continuada (75%). E, no entanto, apenas 39% das vítimas declararam ter apresentado queixa às autoridades – uma percentagem que se mantém baixa, tal como no ano passado.

## Quem foram as vítimas apoiadas pela APAV em



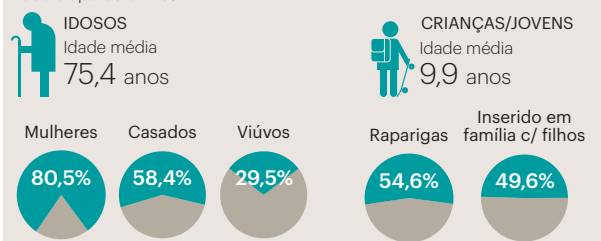
### PERFIS DE VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Em relação heterossexual

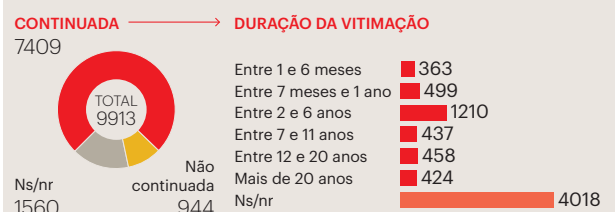


### PERFIS DE OUTRAS VÍTIMAS DE CRIME

Todo o tipo de crimes



### CARACTERIZAÇÃO DA VITIMAÇÃO



Fonte: Estatísticas APAV – Relatório Anual 2015



**“A violência assume formas muito diversas e tem actores muito diversos”**

**João Lázaro**  
Presidente da APAV

## O caso mais antigo que Maria acompanha é de um miúdo com 13 anos

**Andreia Sanches**

**O que é atender vítimas? Ou os familiares delas? Maria, 27 anos, é uma das pessoas que trabalham num dos 15 gabinetes da APAV**

Não anda nestas lides há assim tanto tempo. Mas o tempo voa. O caso mais antigo de Maria Stilwell, 27 anos, é o de um menino que ali chegou com 11 anos e agora já fez 13. No início, andava sempre muito agressivo, com problemas na escola e com os irmãos – uma espécie de dano colateral da violência doméstica. Mas “agora está prestes a ter alta”, porque há muito que não vive numa casa onde as agressões façam parte dos dias. Está mais calmo.

Maria Stilwell trabalha num dos 15 Gabinetes de Apoio à Víctima (GAV) da Associação Portuguesa de Apoio à Víctima (APAV) que existem no país. Este, onde nos recebe, funciona em Santarém, em duas salas num piso térreo que pertence ao edifício da ex-Escola Prática de Cavalaria, todos os dias, das 14h às 19h. No dia em que o PÚBLICO o visita, é véspera de feriado, não há movimento. Mas, quando há, as pessoas tanto aparecem a bater à porta, como telefonam.

Para além dos pontuais, há os utentes habituais, que são acompanhados ao longo do tempo, às vezes até um ano ou mais – “Vítimas de violência doméstica, mulheres, sobretudo, e os filhos delas, que umas vezes são vítimas directas”, o que significa que também foram agredidos fisicamente, “outras vezes vítimas indirectas”, assistem e sofrem.

Prosegue Maria: “Aqui há mulheres jovens, mas mais ainda mulheres de 50 anos, de 60 anos. Muitas nunca trabalharam, sempre cuidaram dos filhos, ficaram em casa, estão dependentes economicamente dos maridos, ficam muito aflitas. Muitas sempre foram agredidas pelos maridos, mas chegou a um ponto... fartaram-se. Os filhos estão maiores, eles próprios já pedem para elas porem ponto final. Mas, às vezes, elas de-



**Maria Stilwell tem 27 anos e o mestrado em Psicologia**

sistem. Vêm cá, dizem que querem divorciar-se, mas depois não vêm mais, não atendem o telefone.”

A técnica, solteira, sem filhos, diz que nunca critica, mas admite que às vezes é difícil (“sobretudo quando há crianças”). Algumas mulheres explicam-lhe que mesmo com as agressões têm boas memórias dos maridos. “E digo: ‘Mas que boas memórias, conte-me algumas.’ E elas começam a pensar e ‘se calhar, na verdade, estive sempre sozinha, e quando ele vinha, vinha assim...’ e se calhar não há tão boas memórias assim.”

### O sigilo tem limites

O seu maior pesadelo é que algum dia algum dos casos que por aqui passam acabe em tragédia.

E Maria, como veio aqui parar? Aos 18 anos, foi trabalhar num orfanato, no Equador, como voluntária. Nessa altura já queria ser psicóloga. Mais tarde foi para outro orfanato, mas na Costa Rica. Quando voltou, concluiu o mestrado em Psicologia Clínica e ofereceu-se como voluntária na APAV, onde esteve um ano e meio – “a associação vive muito à base de voluntários”.

Em Janeiro último passou a técnica-estagiária, “a tempo inteiro”.

Na sala de atendimento – onde há alguns livros e brinquedos e uma mesa grande com uma caixa de lenços de papel ao centro –, ela e os seus colegas psicólogos recebem homens e mulheres (sobretudo mulheres), adultos e crianças (que, na sua maioria, estão ali porque as mães pedem esse apoio, numa fase em que os divórcios já estão a correr). Em geral, os encontros acontecem uma vez por semana. “Eu sei que estou aqui porque o meu pai fez isto ou a minha mãe fez aquilo”, dizem algumas das crianças, mal chegam”, conta. “Mas há outras que dizem: ‘Venho porque tenho dificuldades na escola...’ E é importante dizer-lhes por que é que estão cá, na verdade, e sobre o que vamos falar. ‘O pai e a mãe zangaram-se...’ Algumas crianças mostram-se elas próprias zangadas. Dizem que não querem mais ver o pai. ‘Outras desculpam-nos, ‘é a bebida...’”

Há uma regra básica. “É dito desde o início à criança (e aos pais): ‘O que vieres aqui dizer, não sai daqui, este espaço é teu a não ser que nos digas algo que te esteja a pôr em risco.’ O sigilo tem limites quando

as vítimas são menores de idade.

O tipo de apoio mais solicitado não é, contudo, o psicológico, mas sim o jurídico. “Somos 15 em Santarém, incluindo voluntários, juristas, psicólogos, uma médica, uma assistente social, fazemos as marcações em função dos horários de cada um. E se quem vem precisa de tratar de um divórcio, marcamos com a jurista, que não vai poder representar a pessoa como advogada, mas vai esclarecer dúvidas legais, vai ajudar a preencher formulários, por exemplo, para pedir um advogado oficioso...” Há ainda o chamado “apoio social”, accionado nos casos de maior carência.

Nem sempre é fácil perceber se uma vítima é realmente vítima do que diz ser. Recorda um caso. Num dia chegava o homem e contava que a mulher o maltratava, no outro vinha a mulher e dizia o mesmo dele. Maria encolhe os ombros. “Se calhar, eram os dois vítimas.”

No fim, complicado é separar a vida pessoal das histórias que ouve nesta sala da ex-Escola Prática de Cavalaria – diz que o segredo dela é sair do gabinete e ir para o ginásio, “mas às vezes há coisas que ficam na cabeça e no coração”.

### 2015?

RELAÇÃO DA VÍCTIMA  
COM O AUTOR DO CRIME

Cônjuge	2567
Companheiro/a	1295
Filho/a	1104
Pai/mãe	819
Ex-companheiro/a	748
Ex-cônjuge	504
Ex-namorado/a	330
Nenhuma (identificável pela vítima)	191
Vizinho/a	179
Namorado/a	172
Conhecido/a	169
Irmão/irmã	155
Nenhuma (não identificável pela vítima)	135
Outro familiar	134
Colega de escola	74
Sogro/a	56
Trabalhador/entidade patronal	56
Colega de trabalho	56
Avó/avô	47
Amigo/a	45
Neto/a	27
Genro/nora	24
Padrasto/madrasta	18
Prestador/fornecedor serviços	16
Ns/nr	359
Outra	332





## Linha de Apoio à Vida recebe 17 chamadas por dia

Linha de Apoio à Vítima da APAV atendeu, entre novembro de 2014 e dezembro de 2015, uma média de 17 chamadas por dia, a maioria por maus-tratos físicos e psíquicos.

Neste período, o serviço da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima atendeu 3.819 chamadas e abriu 2.303 novos processos de apoio, segundo as "Estatísticas da Linha de Apoio à Vítima (LAV)".

Os dados, a que agência Lusa teve acesso, mostram que o crime contra as pessoas motivou 95,1 das chamadas, 66,4% das quais foram por maus-tratos físicos e psíquicos, no âmbito da violência doméstica. 3,7% por ameaça/coação e 3,1% por ofensas à integridade física.

A maior parte das vítimas (84%) são mulheres, com uma média de idade de 46 anos, casadas ou a viver em união de facto (59%), sendo que a maioria (51%) vive numa família nuclear com filhos, 47% têm o ensino superior e 43% estão empregadas.

A maior parte das chamadas para a LAV, um serviço de atendimento telefónico, gratuito e confidencial, foi feita pela vítima (68,1%), seguindo-se os familiares (21,2%), os amigos e conhecidos (13,3%).

Lançada a 17 de novembro de 2014, a linha, que corresponde ao número de apoio à vítima europeu (116 006), trabalha numa rede de parcerias com entidades judiciais e policiais, possibilitando um encaminhamento rápido da vítima para as entidades competentes.





Mais de 800 crimes de agressão por parte dos filhos foram relatados por pais, em 2015, à APAV

**Relatório** Em 2015, APAV registou em média 63 crimes de agressão diários

# Duas queixas por dia contra filhos

**Alexandra Inácio**

alexandra.inacio@jn.pt

► Cada vez mais pais apresentam queixa contra filhos por agressão. A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou, em 2015, cerca de duas queixas por dia, num total de 819 – mais 113 do que em 2014 e mais 132 do que em 2013. Se a análise for alargada a outras relações familiares (avós, netos, irmãs/irmãos, por exemplo), foram contabilizados quase 2300 casos.

“É já uma tendência de crescimento consolidado”, tal como as denúncias de violência doméstica, assume João Lázaro, presidente da APAV. Sendo que os dados revelados ontem pelo relatório anual, admite também, ficam aquém da realidade. É certo que “existe maior intolerância social ao fenómeno” e, por isso, as denúncias aumentam, mas no caso das agressões cometidas pelos filhos “são situações muito desesperantes”, ainda muito silenciadas. Tal como as agressões contra idosos – 977 vítimas em 2015, numa média de mais de duas queixas por dia, 18 por semana –, mas, ainda assim, “são a ponta do icebergue”, frisa João Lázaro.

No total, a APAV registou 23 326 crimes e outras formas de violên-

## violência :

# 445

casos de stalking (assédio persistente) subiram 30%. Maioria das vítimas (90%) é mulher com Ensino Superior (45%).

# 1084

crianças e jovens menores vítimas de agressões. Em média, foram registadas três queixas por dia. Mais de 20 por semana.

## Bullying aumentou 46%

● As denúncias de bullying subiram 46% em 2015. No total, a APAV registou 134 queixas. A maioria das agressões foi cometida contra raparigas (52,3%).

## Violações baixaram

● As queixas de violação baixaram de 139 para 86. Já o abuso sexual de crianças apenas sofreu ligeira redução de 106 para 102 casos.

que representa uma média de 63 por dia. O número de vítimas também cresceu, passando de 8733 em 2013 para 9612 no ano passado. Em média, por dia, a APAV apoiou 20 pessoas: 14 mulheres (entre os 18 e 64 anos), três crianças e jovens e três idosos com mais de 65 anos.

“E só uma pequena parte das vítimas têm acesso a serviços de apoio”, insiste João Lázaro. Para o presidente da APAV, as vítimas não têm os seus direitos assegurados de forma universal. Por exemplo, aponta, as “vítimas de violência doméstica estão isentas de custos judiciais, mas os familiares de vítimas de homicídio não. Devia ser um direito universal, apesar de o acesso poder ser limitado por um nível de rendimentos”.

De acordo com o relatório estatístico, 80% dos crimes (18.670) são de violência doméstica. Sendo a maioria (58,4%) cometida pelos companheiros, ex-companheiros, namorados ou ex-namorados. A maioria das vítimas (82,8%) é do sexo feminino, com uma idade média de 40 anos, casadas (38,3%) e com filhos (49,2%). As agressões são cometidas de forma continuada em 75% dos casos, destes em 16,3% os crimes são repetidos entre dois a seis anos e em quase 6% durante mais de 20 anos. ●





**SOBE**  
**JOÃO**  
**LÁZARO**  
DIREÇÃO DA APAV



Associação apoiou no ano passado um total de 9612 vítimas de crimes, mais 10% que em 2014. Violência doméstica em destaque.

**DESCE**  
**PAULO**  
**BARRADAS**  
ADMIN. BLUEPHARMA



Foi absolvido, mas empresa de que é presidente acabou condenada a multa de 360 mil euros devido a morte de funcionária.



ID: 63780128

30-03-2016

RELATÓRIO DA APAV



# Maus-tratos atingem 131 lésbicas e gays

**FENÓMENO** ♦ Primeiro ano que o apoio à vítima recolheu dados de violência entre o mesmo sexo.  
**MULHERES** ♦ Elas queixam-se mais do que eles. Perfil das vítimas refere idade média de 44/45 anos.

SÉRGIO A. VITORINO

Os homossexuais e lésbicas apresentaram no ano passado 131 queixas à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) por violência ocorrida nos relacionamentos de intimidade entre pessoas do mesmo sexo. Foi o primeiro ano em que os números dos crimes entre casais gay foram recolhidos.

**TOTAL DE VÍTIMAS QUE PEDIRAM AJUDA SOBE 10% E CRIMES DISPARAM 13%**

“O objetivo da divulgação foi demonstrar todos os fenómenos da vitimação em relacionamentos. Provar que a violência doméstica vai além do homem a bater na mulher”, explicou ao CM João Lázaro, da direção da APAV, que ontem divulgou o seu relatório estatístico de 2015.

No ano passado queixaram-se à APAV 57 homens vítimas de violência em relacionamentos homossexuais. As vítimas têm em média 45 anos, são solteiros (34,8%), em união de facto (21,7%) ou casados (19,3%); 37,8% têm família nuclear com filhos e 24,3% isolados. Entre eles, 35,7% têm curso superior e 40% têm emprego. Já a violência

entre lésbicas aparenta ser ainda maior. No ano passado foram 74 as mulheres vítimas que procuraram os serviços de apoio da APAV. Têm uma idade média de 44 anos e são casadas (51,7%), solteiras (19%) e vivem em união de facto (17,2%); 57,4% têm uma família nuclear

**CRIMES MAIS RELEVANTES**

Violência doméstica*	18 679
Ofensa à integridade física	719
Stalking/assédio persistente	445
Violação de domicílio ou perturbação da vida privada	320
Dano	229
Bullying	134
Violação	86
Homicídio consumado	27

\*Inclui maus-tratos físicos e psicológicos, ameaça/coação, injúrias/difamação e crimes de natureza sexual

**Total de crimes registados e outras formas de violência 23 326**

cm Fonte APAV

com filhos e 42,1% têm o curso superior.

A APAV registou em 2015 um total de 9612 vítimas, mais 10% do que em 2014. Os crimes também subiram 13% para os 23 326 (ver infografia). A violência doméstica é, de longe, o mais participado (18 679 casos, mais 1798 do que em 2014).

O número de homens que se queixa de violência doméstica em relacionamentos heterossexuais voltou a subir, para os 388. “É um aumento consolidado ao longo dos anos. É-lhes difícil fazer queixa porque está muito estigmatizada a violência sofrida por homens”, recorda João Lázaro. No mesmo período queixaram-se 5001 mulheres. ♦

NOTÍCIA EXCLUSIVA DA EDIÇÃO EM PAPEL



## Aumenta bullying e o assédio persistente

♦ O bullying (violência física e psicológica contra pessoas da mesma idade ou escola) e o stalking (assédio persistente) aumentaram, respetivamente, 46% e 30,5%, entre 2014 e o ano passado. A APAV regista no seu relatório 114 vítimas de bullying, mais de metade mulheres, com uma idade média de 18 anos e na quase totalidade de estudantes vitimadas por colegas de escola. Já as vítimas de stalking foram 427: 90% mulheres; com idade média de 39 anos; e 75% vítimas de ex-companheiros. ♦



Crimes na escola disparam

**NÚMEROS**

**63 crimes por dia** denunciados à APAV em 2015. Em apenas 39% dos casos já existia uma queixa anterior às autoridades policiais.

**23,8% dos crimes** cometidos por familiares das vítimas (avós, filhos, netos, pais e irmãos). 819 são realizados exclusivamente pelos filhos.

**7409 casos** (74,7%) foram de vitimação continuada no tempo. 424 vítimas foram mesmo alvo dos seus agressores durante mais de 20 anos.

**3 pessoas com 65 ou mais anos**, 3 crianças e jovens e mais de 14 mulheres, entre os 18 e os 64 anos, foram vítimas de crime ou outra forma de violência a cada dia.

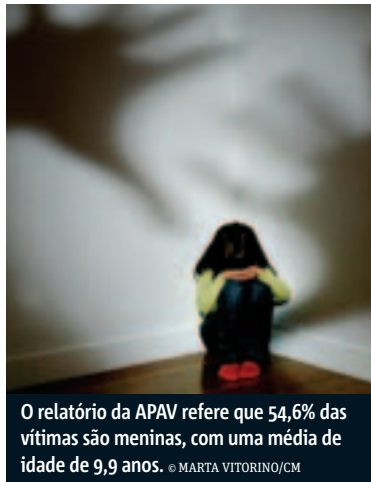


# APAV regista em média 63 crimes por dia

**Criminalidade.** A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou um total de 23.326 casos no ano passado, um número que subiu 13% ao longo dos últimos dois anos.

A APAV registou uma média de 63 crimes por dia durante o ano de 2015. Neste período, também cresceu o número de vítimas (10,1%) – passando de 8.733 em 2013, para 8.889 no ano seguinte e para 9.612 no ano passado –, assim como os processos de apoio, que subiram de 11.800 em 2013 para 12.837 em 2015 (8,8%).

O presidente da APAV, João Lázaro, afirmou à agência Lusa que estes dados, “mais do que transparecerem um aumento da criminalidade”, significam que “as pessoas estão mais sensibilizadas para pedir ajuda e tentar ultrapassar as consequências negativas de terem



O relatório da APAV refere que 54,6% das vítimas são meninas, com uma média de idade de 9,9 anos. © MARTA VITORINO/CM

sido vítimas de crime e procurarem saber quais são os seus direitos e como exercê-los”.

Segundo o relatório divulgado pela APAV, 80% dos casos (18.679) dizem respeito a crimes de violência doméstica – entre os crimes, a APAV realça os maus-tratos físicos (7.507) e os maus-tratos psíquicos (5.167), que totalizam mais de 50% dos registos.

A APAV apoiou, em 2015, uma média de três crianças e jovens por dia vítimas de crime, num total de 1.084 (mais 92 face a 2014). O relatório refere ainda que 54,6% das vítimas são meninas, com uma média de idade de 9,9 anos.

Relativamente aos idosos, as estatísticas referem que foram apoiadas 977 vítimas em 2015. Segundo os dados, 80,5% destas vítimas são mulheres, com uma média de idade de 75 anos.

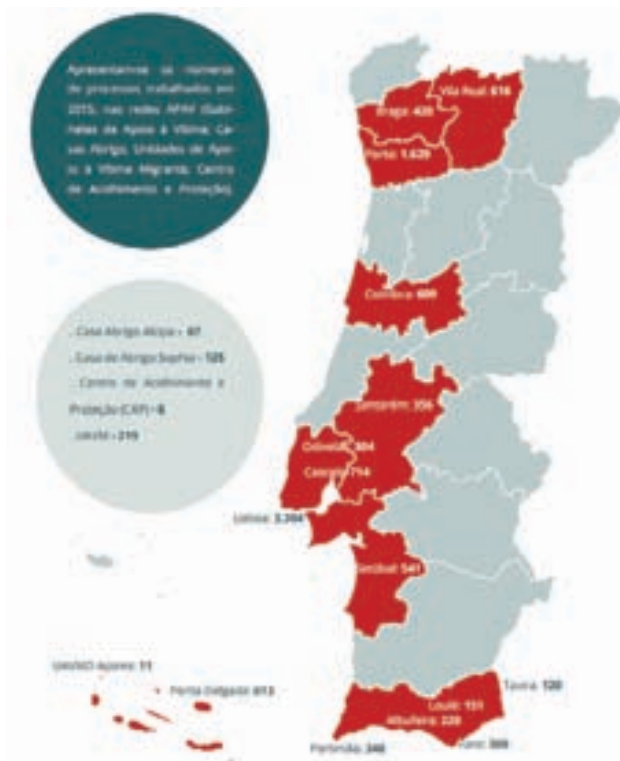


# Pedidos de ajuda aumentam na APAV

●●● A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou, em 2015, 609 atendimentos no distrito de Coimbra. Contudo, de acordo com Natália Cardoso, gestora do Gabinete de Apoio à Vítima (GAV) local, “nem todos os pedidos de ajuda reportaram a casos de crime”. Ainda assim registou-se “um aumento substancial de pedidos de ajuda” em relação a 2104, ano em que o GAV de Coimbra analisou 505 processos de apoio com atendimentos. Deste total, foram acompanhadas 460 vítimas diretas que foram alvo de 1.202 crimes ou de outros atos violentos.

“Tal não significa, necessariamente, que a violência tenha aumentado: significa que, devido à divulgação do trabalho levado a cabo pela APAV, muitas vítimas de crime procurassem ajuda e deixassem de permanecer no silêncio”, adiantou a responsável.

A nível nacional, a APAV registou uma média de 63 crimes por dia em 2015, segundo dados divulgados ontem e que revelam um total



Gabinete de Apoio à Vítima de Coimbra registou 609 atendimentos

de 23.326 casos, um número que subiu 13% nos últimos dois anos.

Segundo o relatório, 30% eram casadas e viviam numa família nuclear com filhos (37,7%). A maioria vivia em

Lisboa (20,4%), no Porto (12,1%) e em Faro (9,5%). Contudo, “364 vítimas (ou seja 3,8 por cento) residiam no concelho de Coimbra”, frisou Natália Cardoso.

| **Patrícia Cruz Almeida**





## APAV: abusadas sexualmente 102 crianças

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) apoiou, em 2015, uma média de três crianças e jovens por dia vítimas de crime, num total de 1.084, mais 92 face a 2014, segundo dados ontem divulgados. O relatório anual 2015 da APAV refere que 54,6% das vítimas são meninas, com uma média de idade de 9,9 anos, sendo que 23,8% frequenta o pré-escolar e 23,6%, o primeiro ciclo. Os dados da APAV apontam 102 casos de crianças menores de 14 anos que foram abusadas sexualmente e um caso de pornografia de menores. A maioria das vítimas vivia em famílias nucleares com filhos (49,6%).



# APAV registou em média 63 crimes por dia em 2015

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou uma média de 63 crimes por dia em 2015, segundo dados divulgados que revelam um total de 23.326 casos, um número que subiu 13% nos últimos dois anos.

Neste período também cresceu o número de vítimas (10,1%), passando de 8.733 em 2013, para 8.889 no ano seguinte e para 9.612 no ano passado, assim como os processos de apoio que subiram de 11.800 em 2013, para 12.837 em 2015 (8,8%).

Segundo o relatório anual de estatística da APAV, 80% dos casos (18.679) dizem respeito a crimes de violência doméstica.

Entre estes crimes, a APAV realça os maus-tratos físicos (7.507) e os maus-tratos psíquicos (5.167),

que totalizam mais de 50% dos registos.







## APAV: abusadas sexualmente 102 crianças

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) apoiou, em 2015, uma média de três crianças e jovens por dia vítimas de crime, num total de 1.084, mais 92 face a 2014, segundo dados ontem divulgados. O relatório anual 2015 da APAV refere que 54,6% das vítimas são meninas, com uma média de idade de 9,9 anos, sendo que 23,8% frequenta o pré-escolar e 23,6%, o primeiro ciclo. Os dados da APAV apontam 102 casos de crianças menores de 14 anos que foram abusadas sexualmente e um caso de pornografia de menores. A maioria das vítimas vivia em famílias nucleares com filhos (49,6%).



# Associação Portuguesa de Apoio à Vítima registou em média 63 crimes por dia em 2015



*Segundo o relatório anual de estatística da APAV, 80% dos casos diz respeito a crimes de violência doméstica*

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou uma média de 63 crimes por dia em 2015, segundo dados ontem divulgados que revelam um total de 23.326 casos, um número que subiu 13% nos últimos dois anos.

Neste período também cresceu o número de vítimas (10,1%), passando de 8.733 em 2013, para 8.889 no ano seguinte e para 9.612 no ano passado, assim como os processos de apoio, que subiram de 11.800 em 2013 para 12.837

em 2015 (8,8%).

Segundo o relatório anual de estatística da APAV, 80% dos casos (18.679) diz respeito a crimes de violência doméstica. Entre estes crimes, a APAV realça os maus-tratos físicos (7.507) e os maus-tratos psíquicos (5.167), que totalizam mais de 50% dos registos.

Das vítimas que recorreram aos serviços da associação em 2015, 82,2% eram mulheres, com idades entre os 25 e os 54 anos (39,5%).

Segundo o relatório, 30% era casadas e vivia numa família nuclear com filhos (37,7%). A maioria vivia em Lisboa (20,4%), no Porto (12,1%) e em Faro (9,5%).

O grau de ensino das vítimas situa-se entre o ensino básico, secundário e superior (16,6%), sendo que 27,8% trabalhavam.

A APAV constatou que em 58,4% dos casos os agressores eram companheiros, ex-companheiros, cônjuges, ex-cônjuges,

namorados e ex-namorados.

Em 23,8% dos casos, os agressores foram familiares (avós, filhos, netos, pais, irmãos).

Sobre o perfil do agressor, a APAV refere que 81,3% eram homens, com idades entre os 35 e os 54 anos (25,5%), 31,9% eram casados e trabalhavam (29,5%).

Houve ainda 388 casos em que as vítimas eram homens, com uma média de idade de 49,6 anos, a maioria casados. 54,2% estavam empregados, 20,8% reformados e 18,7% desempregados.

Quase metade (48,7%) tinha o ensino superior e 18,7% estava desempregado.

Em metade dos casos, a agressora foi a mulher, enquanto em 20,4% das situações foi a companheira e em 12,1% a ex-companheira.

A APAV registou ainda 131 casos de agressões em relacionamentos entre pessoas do mesmo sendo.

A vitimação mais registada pela APAV foi de "tipo continuado", assinalada em 74,7% dos casos. Em 16,3% das situações duravam, em média, entre os dois e os 6 anos.

Os locais do crime mais referenciados foram a residência comum (5.976), a residência da vítima (1.590) e a via pública (1.105).

Fora do âmbito dos crimes contra as pessoas, o relatório realça os crimes patrimoniais, nomeadamente o crime de dano, com 229 registos (15%).

Destaca também as "outras formas de violência", que incluem o bullying e o stalking (assédio persistente) e representaram mais de 500 queixas (2,5% do total das denúncias).



ID: 63796379

31-03-2016

**9.612**  
vítimas de  
violência

apoiadas, em 2015,  
pela APAV – mais  
13% que em 2014.

Em 2.567,  
o cônjuge foi  
o abusador

**14,5**  
mulheres  
atendidas

por dia. Foram  
5.291. Houve  
ainda 1.084

crianças e jovens,  
977 idosos  
e 755 homens

**9,9**  
anos foi a  
média de  
idade entre as  
crianças e jovens.

As mulheres  
tinham 40,7. Os  
homens, 33,7 anos

**80,5%**  
das vítimas

idosas eram mu-  
lheres. Em 47 casos  
o abusador era  
neto e em 56 genro  
ou nora. E 13,3%  
eram analfabetas



ACTUALIDADE

## APAV regista em média 63 crimes por dia em 2015

29 | 03 | 2016 06.00H

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou uma média de 63 crimes por dia em 2015, segundo dados hoje divulgados que revelam um total de 23.326 casos, um número que subiu 13% nos últimos dois anos.

Neste período também cresceu o número de vítimas (10,1%), passando de 8.733 em 2013, para 8.889 no ano seguinte e para 9.612 no ano passado, assim como os processos de apoio, que subiram de 11.800 em 2013 para 12.837 em 2015 (8,8%).

Em declarações à agência Lusa, o presidente da APAV, João Lázaro, afirmou que estes dados "mais do que transparecerem um aumento da criminalidade", significam que "as pessoas estão mais sensibilizadas para pedir ajuda e para tentar ultrapassar as consequências negativas de terem sido vítimas de crime e procurarem saber quais são os seus direitos e como exercê-los".

DESTAK/LUSA | DESTAK@DESTAK.PT



Segundo o relatório anual de estatística da APAV, 80% dos casos (18.679) dizem respeito a crimes de violência doméstica

29.03.2016 06:00

## APAV regista em média 63 crimes por dia em 2015

Associação apoiou três crianças e jovens por dia.

Por Lusa

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou uma média de 63 crimes por dia em 2015 segundo dados esta terça-feira divulgados que revelam um total de 23.326 casos, um número que subiu 13% nos últimos dois anos.

Neste período também cresceu o número de vítimas (10,1%), passando de 8.733 em 2013, para 8.886 no ano seguinte e para 9.612 no ano passado, assim como os processos de apoio, que subiram de 11.800 em 2013 para 12.837 em 2015 (8,8%).

Em declarações à Lusa, o presidente da APAV, João Lázaro, afirmou que estes dados "mais do que transparecerem um aumento da criminalidade", significam que "as pessoas estão mais sensibilizadas para pedir ajuda e para tentar ultrapassar as consequências negativas de terem sido vítimas de crime procurarem saber quais são os seus direitos e como exercê-los".

João Lázaro adiantou ainda que esta tendência de aumento do número de pessoas atendidas e apoiadas pela APAV contraria "uma tendência anterior, de há três, quatro anos" provocada pela crise, que fez com que "muitas vítimas de crime não procurassem ajuda e permanecessem no silêncio".

Segundo o relatório anual de estatística da APAV, a que a Lusa teve acesso, 80% dos casos (18.679) dizem respeito a crimes de violência doméstica. Entre estes crimes, a APAV realça os maus-tratos físicos (7.507) e os maus-tratos psíquicos (5.167), que totalizam mais de 50% dos registos.

APAV

## APAV regista em média 63 crimes por dia em 2015, 80% são violência doméstica

29/3/2016, 6:58

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima registou uma média de 63 crimes por dia em 2015. Número que subiu 13% nos últimos dois anos. 80% dos casos são violência doméstica.



LUÍS FORRA/LUSA

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou uma média de 63 crimes por dia em 2015, segundo dados divulgados na segunda-feira que revelam um total de 23 326 casos, um número que subiu 13% nos últimos dois anos.

Neste período também cresceu o número de vítimas (10,1%), passando de 8 733 em 2013, para 8 889 no ano seguinte e para 9 612 no ano passado, assim como os processos de apoio, que subiram de 11.800 em 2013 para 12 837 em 2015 (8,8%).

Em declarações à agência Lusa, o presidente da APAV, João Lázaro, afirmou que estes dados "mais do que transparecerem um aumento da criminalidade", significam que "as pessoas estão mais sensibilizadas para pedir ajuda e para tentar ultrapassar as consequências negativas de terem sido vítimas de crime e procurarem saber quais são os seus direitos e como exercê-los".

João Lázaro adiantou ainda que esta tendência de aumento do número de pessoas atendidas e apoiadas pela APAV contraria "uma tendência anterior, de há três, quatro anos" provocada pela crise, que fez com que "muitas vítimas de crime não procurassem ajuda e permanecessem no silêncio".



SOCIEDADE

## APAV apoiou em média três crianças e jovens por dia vítimas de agressão

29.03.2016 às 9h20



O relatório anual 2015 da APAV refere que 54,6% das vítimas são meninas, com uma média de idade de 9,9 anos, sendo que 23,8% frequentam o pré-escolar e 23,6%, o primeiro ciclo.

Os dados da APAV apontam 102 casos de crianças menores de 14 anos que foram abusadas sexualmente e um caso de pornografia de menores.

A maioria das vítimas vivia em famílias nucleares com filhos (49,6%).

Relativamente aos idosos, as estatísticas da APAV referem que foram apoiadas 977 vítimas em 2015, uma média de 2,7 por dia e 18,7 por semana, mais 125 do que no ano anterior.

Segundo os dados, a que a agência Lusa teve acesso, 80,5% destas vítimas são mulheres, com uma média de idade de 75 anos.

Quase 40% das vítimas (39%) viviam numa família nuclear com filhos, 58,4% eram casados e 29,5% eram viúvos. A grande maioria (90,1%) era reformada.

Quanto à escolaridade das vítimas, os dados indicam que 33,3% das vítimas tinham o primeiro ciclo do ensino básico, 19,2%, o ensino superior e 13,3% não sabia ler nem escrever.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima traçou também o perfil das vítimas de crimes sexuais, de 'bullying' e de 'stalking' (assédio persistente).

Em 2015, a APAV apoiou 255 vítimas de crime sexual, a grande maioria (82,1%) mulheres, com uma média de idade a rondar os 25 anos.

Metade das vítimas era estudante, sendo que 20,1% frequentavam o ensino secundário, 18,2%, o terceiro ciclo e 15,9%, o primeiro ciclo.

Destas vítimas que pediram ajuda à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, 54,9% eram adultos e 43,1% crianças e jovens.

Violência de género

## APAV regista 63 crimes de violência por dia

Alexandra Inácio  
29 Março 2016 às 11:59



COMENTAR

TÓPICOS

Violência Doméstica  
Violência no namoro  
Violência



As denúncias estão a aumentar. A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou uma média de 63 crimes por dia em 2015. No total, foram denunciados 23.326 casos, mais 13% do que em 2013.

O número de vítimas também cresceu, passando de 8733 em 2013 para 9612 no ano passado. Em média, por dia, a APAV apoiou vinte pessoas: 14 mulheres, entre os 18 e 64 anos, três crianças e jovens e três idosos com mais de 65 anos. Todas vítimas de crimes ou outras formas de violência.

João Lázaro, presidente da APAV, considera que os números esta terça-feira revelados no relatório anual apontam não só um aumento da criminalidade como maior sensibilização das pessoas para pedirem ajuda. Uma tendência, sublinhou, que contraria "o silêncio" que marcou os anos de crise, desde 2011.

CONTINUAR A LER

PORTUGAL

## Aumentam queixas das vítimas de crimes

Texto Francisco Pedro | Foto APAV | 29/03/2016 | 10:37



Associação Portuguesa de Apoio à Vítima registou uma média de 63 crimes por dia em 2015, um número que significa um aumento de 13 por cento em relação aos últimos dois anos

IMAGEM

A+ A- ENVIAR IMPRIMIR COMENTAR PARTILHAR

PORTUGAL ANTERIOR SEGUINTE

Os dados divulgados esta terça-feira, 29 de março, pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), revelam um aumento do número de vítimas de crimes em 2015, e demonstram que «as pessoas estão mais sensibilizadas para pedir ajuda e para tentar ultrapassar as consequências negativas de terem sido vítimas de crime e procurarem saber quais são os seus direitos e como exercê-los», de acordo com o presidente da instituição.

Segundo João Lázaro, em declarações à agência Lusa, esta tendência de aumento do número de pessoas atendidas e apoiadas pela APAV contraria «uma tendência anterior, de há três, quatro anos» provocada pela crise, que fez com que «muitas vítimas de crime não procurassem ajuda e permanecessem no silêncio».

O relatório refere que o ano passado foram denunciados 23.326 casos de violência, sendo que 80 por cento estiveram relacionados com a violência doméstica. Seguiram-se os maus-tratos físicos (7.507 casos) e os maus-tratos psíquicos (5.167), que atingiram sobretudo mulheres (82,2 por cento), com idades entre os 25 e os 54 anos.

Do total de vítimas que recorreram aos serviços da APAV, 30 por cento eram casadas. A maioria (20,4 por cento) vivia em Lisboa, no Porto (12,1 por cento) e em Faro (9,5 por cento). Em mais de metade dos casos os agressores eram companheiros, ex-companheiros, cônjuges, ex-cônjuges, namorados e ex-namorados.





PAÍS

## APAV regista 63 crimes de violência por dia

12:53 - 29-03-2016

A- A A+

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) regista em média 63 crimes por dia em 2015. O número não para de aumentar, e só o ano passado foram denunciados 23.326 casos, mais 13% do que em 2013.

Segundo o relatório anual da APAV divulgado hoje, em média são apoiadas 20 pessoas: 14 mulheres, entre os 18 e 64 anos, três crianças e jovens e três idosos com mais de 65 anos. Todas vítimas de crimes ou outras formas de violência.

De acordo com o relatório estatístico, 80% dos crimes (18.670) são de violência doméstica. Sendo a maioria (58,4%) cometidos pelos companheiros, ex-companheiros. Mas este estudo acrescenta que há cada vez mais denúncias de agressões cometidas por filhos e outros graus de parentesco, como avós, netos, irmãs/irmãos.

Redação

## APAV apoiou, em média, três crianças e jovens por dia vítimas de agressão

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) apoiou, em 2015, uma média de três crianças e jovens por dia vítimas de crime, num total de 1.084, mais 92 face a 2014, segundo dados hoje divulgados.



O relatório anual 2015 da APAV refere que 54,6% das vítimas são meninas, com uma média de idade de 9,9 anos, sendo que 23,8% frequenta o pré-escolar e 23,6%, o primeiro ciclo.

Os dados da APAV apontam 102 casos de crianças menores de 14 anos que foram abusadas sexualmente e um caso de pornografia de menores.

A maioria das vítimas vivia em famílias nucleares com filhos (49,6%).

Relativamente aos idosos, as estatísticas da APAV referem que foram apoiadas 977 vítimas em 2015, uma média de 2,7 por dia e 18,7 por semana, mais 125 do que no ano anterior.

Segundo os dados, a que a agência Lusa teve acesso, 80,5% destas vítimas são mulheres, com uma média de idade de 75 anos.

Quase 40% das vítimas (39%) viviam numa família nuclear com filhos, 58,4% eram casados e 29,5% eram viúvos. A grande maioria (90,1%) era reformada.

Quanto à escolaridade das vítimas, os dados indicam que 33,3% das vítimas tinham o primeiro ciclo do ensino básico, 19,2%, o ensino superior e 13,3% não sabia ler nem escrever.



## Relatório Anual APAV: mais crimes, idosos e menores com mais casos

TEXTO: ANA CATARINA ROCHA - 30 MARÇO, 2016



A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) divulgou ontem o seu Relatório Anual referente a 2015, nas vésperas da apresentação pelo Governo do Relatório Anual de Segurança Interna, também respeitante ao ano passado.

A APAV revelou ter feito mais de 34 mil atendimentos, que reportaram cerca de 23 mil crimes e outras formas de violência e constataram-se mais de 9.600 vítimas destes crimes.



# JORNAL<sup>do</sup>ALGARVE

HOME ALGARVE ▾ DESPORTO ▾ PAÍS & MUNDO ▾ OPINIÃO ▾ ATUALIDADE CULTURA REPORTAGEM POLÍTICA

ECONOMIA CIÊNCIA & TECNOLOGIA

Edição Impressa JA Magazine Classificados

## Número de filhos agressores aumenta desde 2013

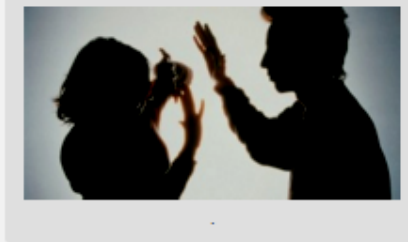
*Em 2015 a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima contabilizou 819 vítimas que tinham sido alvo de alguma forma de agressão por parte dos filhos. Este valor representa um aumento de 16% desde 2013*

Added by ncouto on 29/03/2016.

Saved under ATUALIDADE, PAÍS

Tags: agressão, Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, filhos, filhos agressores, violência, vítimas

A média é de dois casos por dia. Em 2015 a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima contabilizou 819 vítimas, que tinham sido alvo de alguma forma de agressão por parte dos filhos, noticia o "Público" esta terça-feira. Este número têm vindo a aumentar nos últimos anos: 687 em 2013; 706 em 2014 e 819 em 2015. Isto representa um aumento de 16%.



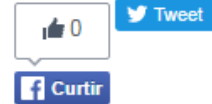
Se tivermos em conta as relações de consanguinidade – avós, filhos, netos, pais/mães, irmãs/irmãos e outros familiares próximos –, contabilizam-se 2300 casos, cerca de um quarto de todas as situações que foram acompanhadas pela instituição. Estes dados fazem parte do relatório anual da APAV, que será divulgado esta terça-feira, e a que o "Público" teve acesso.

De todos os dados compilados pela APAV, a face mais visível do trabalho da instituição é a violência dentro dos casais: representou 58,4% das situações registadas.

Fábio Monteiro (Rede Expresso)

## Há mais pessoas a pedir ajuda por sofrerem agressões dos filhos

29 de Março de 2016 | via [publico.pt](#)



Não é um fenómeno novo, mas no ano passado a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) lidou com mais casos de pessoas que tinham sido — ou eram ainda — alvo de alguma forma de agressão por parte dos filhos: 819, ou seja, mais de duas vítimas por dia.

Aliás, se tivermos em conta todas as relações de consanguinidade (avós, filhos, netos, pais/mães, irmãs/irmãos e outros familiares próximos), contabilizam-se perto de 2300 casos. É qualquer coisa como um quarto de todos os acompanhados pela associação, lê-se no relatório anual da APAV, referente

a 2015, que será divulgado nesta terça-feira.

A face mais visível do trabalho da APAV é a violência conjugal — e percebe-se porquê: a violência nas chamadas “relações de intimidade” (envolvendo companheiros, maridos e mulheres, ex-maridos e ex-mulheres, namorados, actuais e antigos) representou 58,4% das situações com as quais a associação lidou. Mas também há cada vez mais relatos em que os filhos são apontados como agressores: 687 em 2013; 706 em 2014 e, como já se viu, 819 em 2015. Aliás, as situações em que os pais são agressores (1104) baixaram ligeiramente (7%), enquanto o número de agressores filhos subiu (16%).

João Lázaro, da direcção da APAV, admite que o grande factor que explica isto é a crescente sensibilização das pessoas — as campanhas a alertar para a violência contra os mais velhos, nomeadamente por parte de filhos e outros parentes próximos, estarão a surtir algum efeito e há mais gente a procurar apoio.



## MULHERES E CRIANÇAS SÃO O PRINCIPAL ALVO DOS AGRESSORES, REVELA APAV

SAPOLIFESTYLE // EM FOCO // MARIA LIMA DOS SANTOS

Em 2015 foram cometidos 23.326 crimes e formas de violência em Portugal. Ou seja, um aumento de 13% face a 2013 de acordo com os dados apresentados pelo relatório anual da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).



Só no ano passado o número de vítimas ultrapassou os 9 mil, com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) a registar cerca de 63 crimes por dia. As mulheres com mais de 18 anos e as crianças/jovens são as que fazem mais denúncias diárias, com 14,5 e 3 registos, respetivamente.





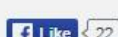
Na vanguarda da informação...  
A melhor Música...  
Na sua Estação de Utilidade Pública!!!

400288

## No Alentejo foi o distrito de Évora que mais vítimas de crime registou

Escrito por Redação

Publicado em 29-03-2016



A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) divulgou recentemente o Relatório Anual sobre os números de vítimas de violência em Portugal, que revela, a nível nacional, registaram-se denúncias de dez mil vítimas.

Ainda segundo o mesmo relatório, as vítimas continuam a ser, principalmente, do sexo feminino e predominam os crimes de maus-tratos psíquicos e físicos.

No que diz respeito à residência da vítima, é o distrito de Évora que lidera com 54 vítimas, seguindo-se depois o distrito de Portalegre com 24 e depois Beja com 23 vítimas.

De salientar ainda, que a nível nacional a APAV atendeu 34.327 vítimas, registando-se 23.326 casos, apoiando assim 9.612 vítimas.



# APAV com registo de mais de 60 crimes por dia em 2015

Antena 1  
29 Mar, 2016, 07:38 / atualizado em 29 Mar, 2016, 11:37 | País



Foto: Sandra Henriques - RTP

Houve mais de 60 crimes por dia só durante o ano passado. Um valor médio apresentado pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), num relatório que mostra um aumento da violência contra idosos e de filhos contra pais.



A associação acompanhou em 2015 mais de 23 mil casos, o que representa um aumento de 13 por cento no número de crimes face a 2014.

O ano de 2015 também registou uma subida da procura dos cuidados da APAV na ordem dos dez por cento.

## APAV registou em média 63 crimes por dia em 2015

Durante o ano passado, número total de casos foi de 23.326, um número que subiu 13% nos últimos dois anos

29 mar, 08:33 - Redação / LF



A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou uma média de 63 crimes por dia em 2015, segundo dados hoje divulgados que revelam um total de 23.326 casos, um número que subiu 13% nos últimos dois anos.

Neste período também cresceu o número de vítimas (10,1%), passando de 8.733 em 2013, para 8.889 no ano seguinte e para 9.612 no ano passado, assim como os processos de apoio, que subiram de 11.800 em 2013 para 12.837 em 2015 (8,8%).

Em declarações à agência Lusa, o presidente da APAV, João Lázaro, afirmou que estes dados "mais do que transparecerem um aumento da criminalidade", significam que "as pessoas estão mais sensibilizadas para pedir ajuda e para tentar ultrapassar as consequências negativas de terem sido vítimas de crime e procurarem saber quais são os seus direitos e como exercê-los".



João Lázaro adiantou ainda que esta tendência de aumento do número de pessoas atendidas e apoiadas pela APAV contraria "uma tendência anterior, de há três, quatro anos" provocada pela crise, que fez com que "muitas vítimas de crime não procurassem ajuda e permanecessem no silêncio".

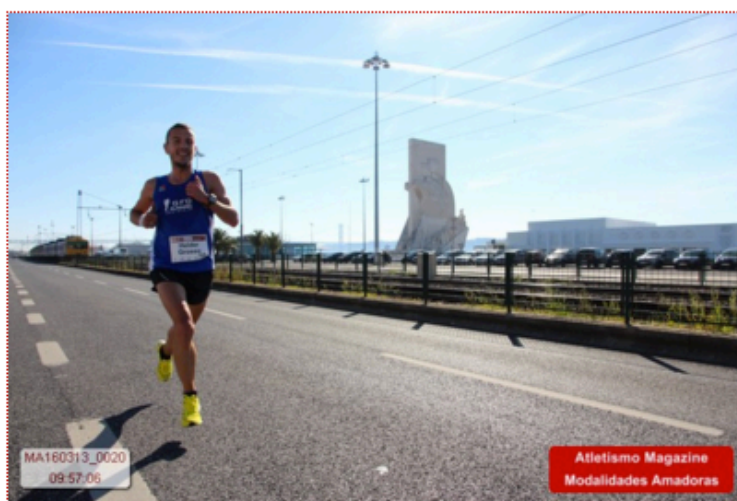


# Atletismo Magazine

## Modalidades Amadoras

13ª Corrida da Solidadriedade ISCPSI-APAV

12 Publicado em domingo, 13 de março de 2016 |  | 



Fotos de Manuel António



DOMINGO, 13 DE MARÇO DE 2016

**Corrida de Solidariedade ISCPSI/APAV e Marcha das Famílias  
- 2016**



## 13.ª Corrida de Solidariedade ISCPSI/APAV

13 MAR 2016 | LISBOA / ALCANTÁRA | DESPORTO: ATLETISMO



Venha participar na 13.ª Corrida de Solidariedade e Marcha das Famílias ISCPSI/APAV e ajude-nos a ajudar! Esta é uma iniciativa solidária cujas receitas revertem integralmente a favor da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. Juntos vamos fazer a diferença! Venha correr por quem não consegue fugir!





📅 13 Março 2016 📍 Lisboa  
🏃 10 Km, caminhada 3,5 Km

ADICIONAR AOS FAVORITOS ★

## Informação

---

O Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna (ISCPSI) e a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), organizam dia 13 de Março, pelas 09h30, a 13ª Corrida de Solidariedade ISCPSI / APAV.

**Organizado por:** ISCPSI - Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna

**Telefone:** 213 613 900

**Email:** [info@corridadasolidariedade.org](mailto:info@corridadasolidariedade.org)

**Website:** [www.corridadasolidariedade.org](http://www.corridadasolidariedade.org)



ID: 63560047

14-03-2016

**CORRIDA DA APAV JUNTA MILHARES EM LISBOA**

**SOLIDARIEDADE.** MAIS DE DUAS MIL PESSOAS PARTICIPARAM ONTEM NA CORRIDA E PASSEIO SOLIDÁRIO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DO APOIO À VÍTIMA (APAV). HÉLDER GROSSO E MÓNICA MOREIRA VENCERAM A PROVA DE 10 KM DISPUTADA ENTRE ALCÂNTARA E BELÉM.

**Destaques:** [ca](#) [Alterações à limpeza aprovadas](#) [Pintura de Bosch 'objeto' de análise](#) [Centro histórico se](#)

## Participação no Seminário Infovítima

16-03-2016

Encontram-se abertas as inscrições de participação no "Seminário Infovítima: Inovação na promoção dos direitos das vítimas", a decorrer no Porto, dia 7 de abril, no espaço Atmosfera M. A iniciativa é promovida pela APAV, Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

O Seminário Infovítimas: Inovação na promoção dos direitos das vítimas terá lugar no Porto, no dia 7 de Abril, no espaço Atmosfera M., uma iniciativa cujo objetivo é analisar o estado da arte no que concerne aos direitos das vítimas de crime em Portugal e na Europa, refletindo sobre aspetos inovadores dos modelos de prestação de informação e a diversificação dos meios de atendimento e apoio à vítima.

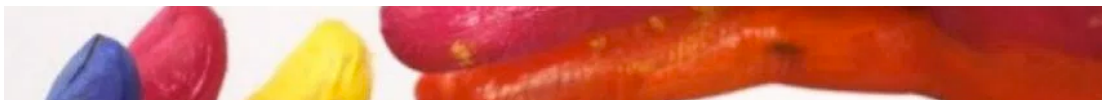
A iniciativa surge no âmbito do Projeto Infovítimas II (co-financiado pelo Programa Justiça penal da União Europeia) que a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) promove em parceria com o Victim Support Scotland (Escócia), Subvenia Victima (Polónia), o Weisser Ring Germany (Alemanha), Weisser Ring Austria (Áustria), Victim Support Europe, a Direcção Geral da Administração da Justiça e a Polícia de Segurança Pública.

Inscrições em [www.apav.pt/infovictims2016](http://www.apav.pt/infovictims2016) | Mais informações em [apav.sede@apav.pt](mailto:apav.sede@apav.pt)

Atmosfera M  
Rua Júlio Dinis, 158/160 - Porto  
e-mail: [atmosfera.porto@montepio.pt](mailto:atmosfera.porto@montepio.pt)







**ACEGIS** | Associação para a cidadania, Empreendedorismo, Género e Inovação Social

24 Março, 2016 / by ACEGIS / in AGENDE JÁ, Eventos, Iniciativas em destaque, Notícias e Destaques



## Seminário Infovítimas: Inovação na Promoção dos Direitos das Vítimas

**7 de abril de 2016, Porto**

O Seminário "Infovítimas: inovação na defesa dos direitos das vítimas" terá lugar no Porto, a 7 de Abril, no espaço Atmosfera M.

Organizado pela Associação Portuguesa do Apoio à vítima (APAV), em parceria com o Victim Support Scotland (Escócia), a Subvenia Victima (Polónia), o Weisser Ring Germany (Alemanha), o Weisser Ring Austria (Áustria), o Victim Support Europe, a Direção Geral da Administração da Justiça e a Polícia de Segurança Pública, no âmbito do Projeto Infovítimas II (cofinanciado pelo Programa Justiça penal da União Europeia), vai decorrer no dia 7 de abril de 2016, no espaço Atmosfera M, no Porto.

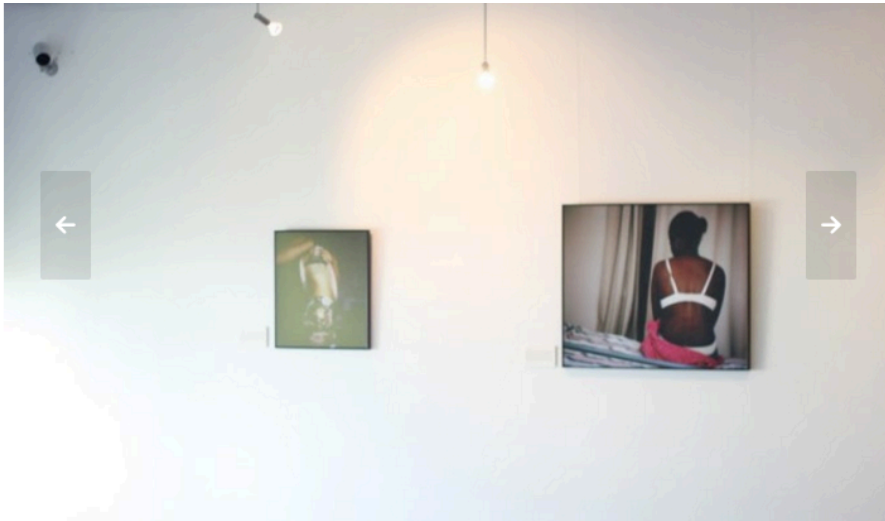
*Qual o estado da arte ao nível dos direitos das vítimas na Europa? Quais os desafios mais imediatos?*

*Que formas inovadoras estão os Estados-Membros a desenhar para melhor lidar, prestar informação e apoio às vítimas de crime?*

*Como chegar a mais vítimas?*

Venha debater e tentar encontrar respostas a estas e outras questões centrais para as vítimas de crime em Portugal e na Europa. Venha fazer parte de um momento único de partilha de boas práticas com profissionais e especialistas nas áreas da justiça penal, do Direito Europeu e do apoio à vítima.

**Informações e inscrições:**  
[apav.pt/infovictims2016](http://apav.pt/infovictims2016)



## “VIRAR DA PÁGINA”: UM VISLUMBRE DE ESPERANÇA PARA O FUTURO

MARIA JOÃO SILVA E BEATRIZ TEIXEIRA / 18 MAR 2016 / 0 BITAITES / SOCIEDADE



**No passado mês, foi inaugurada a exposição de fotografia “O Virar da Página”, de José Sarmento Matos, em parceria com a APAV. Esta teve início no dia 19 e estará aberta ao público até 7 de abril, na Atmosfera M, no Porto.**

**Fotografia por Beatriz Teixeira**

Nas paredes brancas de grandes janelas daquela sala, são apresentados alguns retratos, desde jovens a idosos, mulheres ou homens, que sofreram crimes violentos. Com apenas uma fotografia e um breve texto a acompanhar, José Sarmento apresenta as histórias de pessoas que, nas suas vidas, viram, sentiram e viveram a crueldade, a infelicidade e a dor que o ser humano pode e consegue causar no outro.

Entre Setembro de 2014 e Abril de 2015 cerca de 30 pessoas foram fotografadas e entrevistadas, vítimas de violência doméstica, tráfico humano, stalking, entre outros. A singularidade desta exposição prende-se com o facto de esta não retratar somente o passado das vítimas, mas também de apresentar o modo como estas lidam com os traumas do passado no presente.

Conscientes do considerável aumento da violência em Portugal, as vítimas, com o apoio da [APAV](#), decidiram expor as suas histórias pessoais de modo a alertar a sociedade portuguesa do comportamento deste fenómeno nos últimos anos e a encorajar todos aqueles que são vítimas a procurarem apoio.

Pelas palavras de José Sarmento Matos “Estas pessoas, lutando contra a sua própria vergonha, medo e vulnerabilidade, pediram ajuda à APAV e aceitaram agora expor as suas histórias pessoais, com o principal objectivo de alertar a sociedade para o fenómeno da violência e encorajar todos aqueles que são vítimas a reagirem à situação e a procurarem apoio.”





viva melhor

**8 DE MARÇO,  
DIA INTERNACIONAL  
DA MULHER**

Só em 2015  
morreram 29  
mulheres vítimas  
deste terror que  
muitas vezes se  
tenta esconder.  
Recorde o seu  
direito à segurança  
e ajude a travar  
este crime ainda  
tão presente na  
nossa sociedade

FOTOS: ARQUIVO

# COLOQUE UM FIM À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

## TIPOS DE VIOLÊNCIA:

A APAV esclarece que existem diferentes formas de agressão.

• **Violência emocional:** visa fazer o outro sentir medo. Usualmente inclui ameaças e humilhação.

• **Violência social:** intenta controlar a vida do companheiro, através de, por exemplo, impedir que este visite familiares ou amigos.

• **Violência física:** pode traduzir-se em comportamentos como: esmurrar, pontapear, estrangular, entre outros.

• **Violência sexual:** forçar o outro a protagonizar atos sexuais que não deseja ou obrigar a relações não protegidas.

• **Violência financeira:** controlo do dinheiro do companheiro sem que este o deseje ou forçá-lo a justificar qualquer gasto.

• **Perseguição:** intimidação do outro. Por exemplo: seguir o companheiro para o seu local de trabalho ou quando este sai sozinho.

## A quem pedir ajuda?

• Polícia de Segurança Pública – contacte a esquadra da sua área de residência.

• APAV – 707 200 077

• Linha Nacional de Emergência Social (LNES) – 144

• Serviço de Informação a Víctima de Violência Doméstica – 800 202 148

• União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) – 218 867 096

• Associação de Mulheres Contra a Violência – 213 802 160





### O QUE DIZ A LEI:

- O artº 152º, diz que este crime existe quando há "maus tratos físicos e psíquicos, incluindo castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais (...) a pessoa de outro ou do mesmo sexo" com quem o agressor "mantenha ou tenha mantido uma relação análoga à dos cônjuges, ainda que sem habitação".

### Presenciou uma agressão?

Então dê o seu apoio à vítima e procure incentivá-la a fazer a denúncia. Não condene as suas ações nem tente obrigar a nada, pois a decisão tem de vir do lado do agredido. Dê tempo, mas faça saber que está disponível para dar a mão. Não confronte o agressor ou tente fazer mediação entre as duas partes.

### O que deve fazer a vítima?

Ter apoio é fundamental. Após a agressão, procure ter assistência médica, mesmo que não apresente qualquer sinal externo da agressão que sofreu. Faça a denúncia junto das autoridades competentes ou use o sítio *online* [queixaselectronicas.mai.gov.pt](http://queixaselectronicas.mai.gov.pt).

### UM CICLO QUE TEM DE SER TRAVADO

O ciclo da violência doméstica apresenta, regra geral, três fases:

- 1 aumento de tensão:** as tensões acumuladas no quotidiano, as injúrias e as ameaças tecidas pelo agressor criam, na vítima, uma sensação de perigo iminente.
- 2 ataque violento:** o agressor maltrata física e psicologicamente a vítima; estes maus tratos tendem a escalar

na sua frequência e intensidade.

- 3 lua-de-mel:** o agressor envolve agora a vítima de carinho e atenções, desculpando-se pelas agressões e prometendo mudar (nunca mais voltará a exercer violência). Como tal, a vítima vive uma constante de medo, esperança e amor. Este ciclo repete-se ao longo do tempo e pode terminar em homicídio.

### UM CRIME EM NÚMEROS:

Desde 2004 que foram mortas **428** mulheres e houve **497** tentativas de crime. A Linha de Apoio à Vítima da APAV atendeu, entre novembro de 2014 e dezembro de 2015, uma média de **17** chamadas por dia. **1** em cada **4** jovens acredita que a violência no namoro é normal, indica a União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR). Em 2014 foram registados **16.881** crimes de violência doméstica.







25 de dezembro

### FILOMENA TEIXEIRA

42 ANOS ARMAMAR

Era noite de Natal mas isso não impediu que, no lugar de Santa Cruz, um homem, 40 anos, tenha alegadamente disparado sobre a mulher, suicidando-se em seguida. A povoação só ouviu o pedido de ajuda da filha mais nova: "Acudam, que o meu pai matou a minha mãe." Como a irmã mais velha, Lilliana, trabalha em Lisboa, Sofia escolheu ficar na casa de uns tios. Não são conhecidos os motivos da desavença, o caso está na PJ de Vila Real.



# AQUI MORREU UMA MULHER

**PASSOU DÉCADA E MEIA DESDE QUE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA SE TORNOU UM CRIME PÚBLICO, MAS CONTINUAM A MORRER DEZENAS DE MULHERES ÀS MÃOS DOS SEUS COMPANHEIROS. DURANTE UM ANO, A VISÃO PERCORREU OS LOCAIS DOS CRIMES PARA CONTAR A HISTÓRIA DAS 28 VIDAS CEIFADAS. UMA FOTORREPORTAGEM QUE VAI ESTAR EM EXPOSIÇÃO NO LARGO DE CAMÕES. PARA QUE NUNCA MAIS ALGUÉM OLHE PARA O LADO**

 TERESA CAMPOS  JOSÉ CARLOS CARVALHO

**ABRIU-SE UM TEMPO** para balanço depois de um verdadeiro *annus horribilis* – leia-se 365 dias pautados pela morte de 42 mulheres, às mãos dos seus antigos e atuais companheiros.

Estávamos às portas de 2015, ano em que se assinalava década e meia desde que este femicídio, palavra nova para designar o homicídio feminino em contexto conjugal, passara a constar na lei como crime público. Mas nem por isso os números baixaram, como se a legislação andasse um passo à frente da sociedade: durante este tempo, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou mais de 90 mil denúncias por violência doméstica, a esmagadora maioria de mulheres agredidas pelos maridos. As contas da União de Mulheres – Alternativa e Resposta (UMAR), feitas entre 2004 e 2014, apontaram ainda perto de 400 mulheres mortas, deixando 700 crianças órfãs de mãe.

“Entre marido e mulher não se mete a colher”, ainda ouvimos aqui e ali, comunidades inteiras a serem complacentes com este ódio de perdição, mesmo sabendo que é um crime público, e que qualquer um o pode denunciar. Neste ano passado a percorrer o País, à procura do local exato onde as mortes ocorreram, descobrimos uma violência feita da calma aparente, que vive da fachada, transversal a todas as gerações, a todas as classes sociais.

O primeiro caso ocorreu a 19 de janeiro, o último a 28 de dezembro. A vítima mais velha tinha 84 anos, a mais nova apenas 23. No final, a UMAR contabilizou 28 mortes. E as últimas são reveladoras do muito que ainda há a fazer: uma mulher não escapou à fúria do agressor na própria noite de Natal, outra foi atingida com uma granada, depois de um par de tiros à queima roupa. Em muitos destes cenários de crime havia menores presentes. Um terço das vítimas já tinha apresentado queixa na polícia.

Passou um ano desde esse momento inicial – mas ainda 2016 ia no adro já a contabilidade recomeçava: em Baião, um homem degolou a mulher e depois atirou-se ao mar. No funeral que se seguiu, Catarina Marcelino, secretária de Estado da Igualdade, fez sua a nossa voz: “É inaceitável que continuem a morrer mulheres às mãos dos homens.” Dois dias depois, uma professora do Porto Santo, 50 anos, era degolada pelo namorado, de quem já tinha feito queixa por violência. Mais onze dias e o número aumentava: foi quando Anabela, 57 anos, se cruzou com o ex-marido, numa rua do Barreiro. Ainda gritou por socorro mas acabou abatida com um tiro na cabeça.

Esta é uma história escrita a sangue, que acaba sempre com a mesma pergunta, a mesma indignação. Até quando?





19 de janeiro

**JUDITE FERNANDES**

84 ANOS SINTRA

A princípio, parecia uma versão moderna de Romeu e Julieta, um par inseparável, na vida e na morte. No dia em que os corpos foram descobertos, num anexo da casa, dizia-se pela vizinhança que Mário Fernandes, 77 anos, se teria suicidado após ter encontrado a mulher, doente de Alzheimer, sem pulso. A tese foi depois desmontada: a análise feita ao corpo revelaria que ela morreu estrangulada.



22 de janeiro

**MARIA CREMILDA PINHEIRO**

52 ANOS SETÚBAL

Um telefonema da advogada da mulher, a questioná-lo sobre a divisão dos bens depois do divórcio, foi o rastilho para enfurecer João Pinheiro, 52 anos. Maria Cremilda ainda procurou refúgio na esquadra após a discussão, e as autoridades até a levaram a casa.

O homem, bancário, esperava-a, aparentemente calmo – e a polícia considerou que a situação era de baixo risco. Meia hora depois, ela morria esfaqueada. Ele ficou em prisão preventiva.



24 de janeiro

**ISABEL FIGUEIREDO**

60 ANOS LAMEGO

Isabel já estava separada quando apresentou queixa contra o ex-marido, Rui Canelas, de 61. O empresário ainda lhe pediu desculpa mas não se conformava e as ameaças subiam de tom. "Mato-te se não voltares para casa", dizia-lhe. Isabel regressou à PSP mas já não foi a tempo: quando saiu de casa para passear com uma amiga, o homem parou o jipe junto das duas, e atingiu-a com três tiros na cabeça. Com a mesma arma, matou-se de seguida.



29 de janeiro

**MARIA LEONOR SOUSA**

67 ANOS AMARANTE

A história repete-se no lugar de Pidre: Foi pelas 3h45 que a GNR recebeu o telefonema de um homem, 69 anos, a comunicar que tinha matado a mulher e que iria suicidar-se. O militar alertou logo a patrulha, enquanto tentava demover o homem. A mulher havia de ser encontrada sem vida, ferida na cabeça e no pescoço – e o homem enforcado. Soube-se depois que tinha um cancro terminal e recusou o tratamento.



2 de março

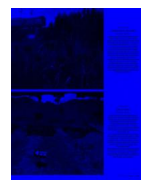
**MARIA ALICE CORGAS**

76 ANOS SEVER DO VOUGA

O toque do telefone a romper a madrugada fazia adivinhar a tragédia. Armando Corgas, de 80 anos, ligou ao filho António para lhe contar: 'Matei a tua mãe, desculpa', disse. António ainda correu para casa dos pais, mas era tarde demais: Maria Alice estava morta e estendida na cama, e Armando caído numa cadeira, na mesma divisão, ambos atingidos com a mesma çadeira. "Mas não foi violência doméstica", recusa a neta, Patrícia, que continua a zelar pela casa.







25 de fevereiro

### CONCEIÇÃO TAVARES

40 ANOS SEIXAL

Conceição tinha um encontro marcado naquela manhã, num terreno baldio junto à estação de comboios de Foros da Amora, no Seixal. O homem, um pedreiro de 45 anos, e a vítima, eram os dois casados e mantinham uma relação extraconjugal. Suspeitando que a mulher teria um terceiro homem, o pedreiro estava decidido a vingar-se: Conceição saía normalmente de casa às seis da manhã.

O amante, que também fazia o mesmo percurso, propôs-lhe um encontro.

A discussão ditou a cena violenta, com ele a espancá-la violenta e repetidamente. Depois, cobriu o cadáver com vegetação, guardou o telemóvel dela e foi trabalhar.

3 de março

### VÂNIA BRAZ

29 ANOS SEIXAL

André Mestre, 34 anos, gerente de uma loja da família, matou a mulher, Vânia, com uma dezena de facadas, na localidade de Santa Marta do Pinhal. Ao lado da mãe, ficava o filho do casal, de 4 anos, a chorar, enquanto o pai arrancava até à Ponte 25 de Abril, onde parou o carro para se atirar ao rio.

Os vizinhos confirmavam depois às autoridades que ouviram gritos – dele a espancar a mulher com socos e pontapés, de um cão a ladrar e de um menino a chorar, enquanto a mulher gritava: "Amor, olha o miúdo, em frente dele não!"

Por ordem do tribunal, dado haver um processo a decorrer, o corpo acabou por não ser cremado, como queria a família, mas sepultado no cemitério Vale Flores, em Almada.







10 de março

**MARIA CÂNDIDA RODRIGUES**

62 ANOS FARO

Maria Cândida nem hesitou ao acolher a filha, Patrícia, e duas netas gémeas, em casa, mas não conseguiu afastar o agressor – e pagou-o com a vida. Miguel Serrano, 29 anos, iludiu a família ao entrar no prédio, e depois esperou que a porta de casa se abrisse. Maria Cândida ainda tentou barrar-lhe a entrada mas o homem disparou de imediato. Os três tiros atravessaram a madeira da porta e atingiram-na na nuca e nas costas. Morreu na hora. Atingida num braço, Patrícia escondeu-se no quarto, enquanto outro irmão, que também estava em casa, se assomava à janela a pedir socorro. Vestido de camuflado, o homem pôs-se em fuga num Audi A3, que abandonou no Alentejo. Entregou-se às autoridades, 12 horas depois, em Castelo Branco.



15 de abril

**JOANA NOGUEIRA**

23 ANOS ALIJÓ

Os tiros eram para Marta, 21 anos, mas acabaram por atingir também a prima, Joana. Estavam as duas a começar mais um dia de trabalho na Pastelaria Princesa do Douro, perto da estação ferroviária do Pinhão, Alijó, quando foram surpreendidas pelo antigo namorado da primeira, Manuel Monteiro, 38 anos. Armado, e consumido pelo ciúme, disparou várias vezes na direção da ex-namorada. Acabou por atingir Joana, a prima, que morreu na hora. Marta seguiu para o hospital, onde esteve algum tempo em risco de vida, e só saiu meses depois. O agressor andou fugido 40 quilómetros, até se entregar à polícia, em Vila Real. "A princípio, pensei que fosse uma explosão na zona do fabrico dos bolos", desabafa um vizinho. "Alguma vez se imaginava isto?"







8 de março

**MARIA LUÍSA LOURO**

78 ANOS COIMBRA

O cenário é a antiga residencial Parque, com vista para o Mondego, no centro de Coimbra. António Júlio Louro e a mulher, Maria Luísa, ambos de 78 anos, morreram com tiros de caçadeira, ela primeiro, ele depois. Quem os encontra é o neto, estudante universitário que fora viver com eles nos últimos anos. "Não sei o que lhe passou pela cabeça", confessa o rapaz, à porta do prédio, há tempos transformado em habitação própria. António Louro era tido como alguém instável e teria sido isso que o levava a tal ato. O jovem abana a cabeça, que não, que aquilo não era violência doméstica, que nunca assistira a nenhuma discussão ou mal-estar entre os dois.



28 de abril

**SÍLVIA LIMA • FÁTIMA LIMA**

42 E 66 ANOS PÓVOA DE VARZIM

"O café do massacre? Fica ao pé da junta." Estamos na freguesia de Estela, onde quatro pessoas foram assassinadas a tiro. Inconformado com o divórcio, e com a divisão de bens, Paulo Silva, 44 anos, alegadamente atirou a matar sobre a ex-mulher, Sílvia Lima, o enteado Renato, 23, e os ex-sogros, Fátima e Domingos Lima, 66 e 65 anos. Regressados de França há 15 anos, estes nem imaginavam que a filha se tinha envolvido com o filho de Abílio da Silva – o mesmo que, na véspera do Natal de 1980, esquartejara a mulher e enterrara os pedaços num terreno perto de casa. Ficou conhecido como o Monstro do Cacém, nos arredores de Lisboa, onde então morava. O filho Paulo tinha então 10 anos, nunca mais teve contacto com o pai e chegou a dizer que, por aquilo que viu, seria incapaz de ser violento.



17 de Abril

**DEOLINDA BELTRÃO**

66 ANOS MATOSINHOS

Deolinda morreu em casa, numa vila com o seu nome, um conjunto de casas antigas, no centro de Matosinhos. Já a morte do marido, António Beltrão, 72 anos, só foi declarada horas mais tarde, no Hospital de São João, no Porto. O funeral do casal – deixa três filhos, todos maiores – acabou por ser realizado em conjunto, dias depois. Para os vizinhos, não há dúvida: "Foi um ato de compaixão: ele andava sempre com ela de carro e ia levá-la ao hospital quando era preciso." Deolinda tinha um tumor cerebral, estava acamada e dependente do marido desde que fora operada, no ano passado. O homem deixou mesmo uma carta à família a explicar-se: não conseguia viver sem ela. A casa já tem novos inquilinos.

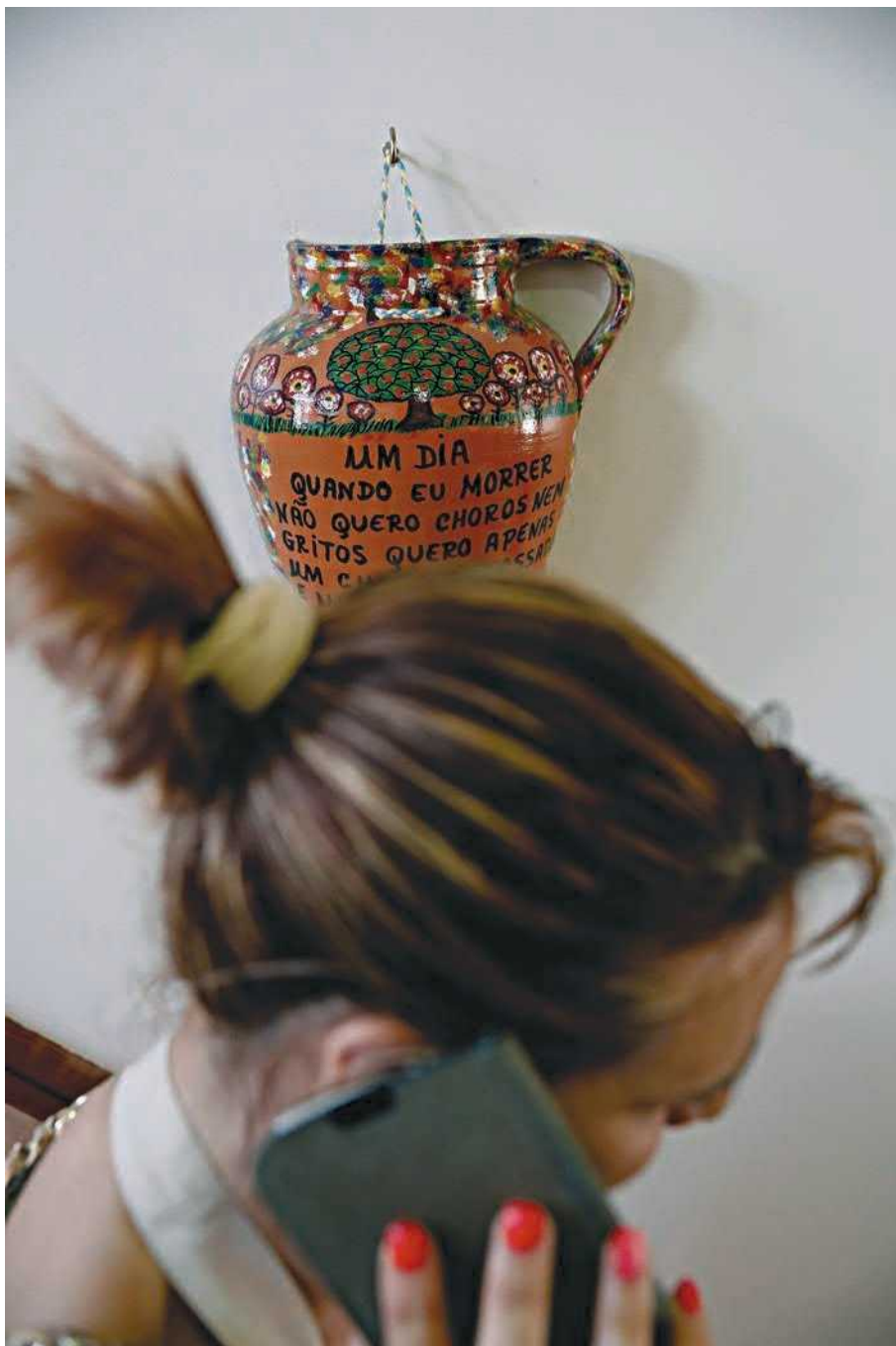


14 de maio

**ISABEL DE JESUS**

51 ANOS ARCOS DE VALDEVEZ

Depois de anos de agressões, segundo a família de Isabel, a mulher morreu com uma faca espetada no peito, na casa que dividia com o marido, no lugar de Reboreda, Rio de Moinhos, em Arcos de Valdevez. Apesar dos indícios apontarem para ele, Paulo, o marido, alegou sempre estar inocente (o caso ainda teve julgamento). Ao pai da vítima, acrescentou: "Ela matou-se." O irmão de Isabel não tem dúvidas: "A minha irmã teve foi uma vida de pancada." No quintal há roupa estendida, mas de casa ninguém responde. "Há muitos dias que não o vejo, nem quero", atira a vizinha de umas ruas acima, a lembrar as muitas histórias de álcool a mais e educação a menos entre os dois. "Ele passava a vida a pô-la na rua e a dizer-lhe para ir para casa da mãe. Ela não ia..."



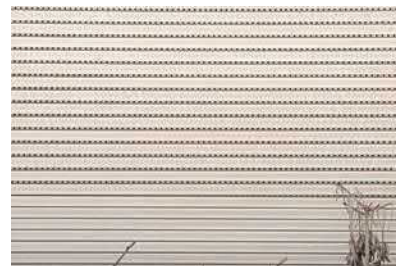
28 de maio

**ÂNGELA FARIA**

31 ANOS FARO

'Entras no beco e ficas à toa'. Os graffiti nas paredes que circundam as traseiras do restaurante À Alentejana, no centro de Faro, parecem anunciar a tragédia. Mariete, a dona do estabelecimento viu tudo: ele entrou, foi ao balcão e pediu um café. Ângela, sua ex-mulher mas de quem ele não aceitava a separação, atendeu o cliente do lado e refugiou-se na cozinha. "Não tenhas medo, aqui não te acontece nada", sussurrou-lhe a patroa, a procurar sossegá-la. O homem foi ao carro e voltou de espingarda ao ombro, para logo de seguida atirar duas vezes sobre a rapariga, um tiro no braço, outro na anca. A seguir, mandou sair o resto da clientela para ainda disparar mais quatro vezes sobre o corpo dela, caído no chão.

O resto da história é conhecida: Ângela Faria ainda foi transportada para o hospital mas não resistiu. O autor dos seis disparos, que viera de Matosinhos, ficou depois à porta do restaurante à espera da PSP e foi detido sem oferecer resistência.



3 de junho

**MARIA DE LURDES DA SILVA**

78 ANOS OEIRAS

Um prédio unsuspeito como qualquer outro, em que apenas sobressaem os estores em baixo e as plantas secas, mais parece um quadro de natureza-morta. Mas foi em pleno bairro de Miraflores, Oeiras, que Humberto Cartaxo, um ex-militar de 80 anos, certo dia resolveu acabar com o sofrimento da mulher, Maria de Lurdes, e também do seu, com um tiro em cada um. Gravemente doente, a mulher estaria quase num estado vegetativo – e ele não saberia viver sem ela. "Viu aquele filme chamado *Amor?*", pergunta-nos a mulher da farmácia. "Foi isso, para mim foi um ato de compaixão!" O casal foi encontrado morto a meio da tarde, pela empregada.



19 de junho

**MARIA DO CÉU BRITES**

59 ANOS LEIRIA

De pé, junto à porta de zinco da casa, na localidade de Coimbra, D. Maria lembra-se bem do dia em que o marido, José, lhe chegou a casa aflito: "Está ali um casal morto, no meio do pinhal." Os corpos estavam dentro do carro, ela descomposta da cintura para baixo, ele com o frasco de veneno aos pés. Céu e Rui Brites, os dois com 59 anos, estavam afogados em dívidas e desaparecidos há uns dias. No início daquela semana, a casa que tinham na localidade de Martinela, a menos de 40 quilómetros, fora penhorada devido às dívidas acumuladas – e a fúria do homem, contabilista, então testemunhada pelos vizinhos. O caso abalou a localidade. "Olhe que até fomos à terra deles saber mais, não nos saía da cabeça", segue a mulher, enquanto os olhos de José não conseguem esconder as lágrimas. "Depois, o irmão dele contou-nos que fora o desespero que o levava àquilo."





22 de junho

**MARIA BEATRIZ COSTA**

58 ANOS LISBOA

Ele era um sargento da Marinha reformado, 60 anos, ela uma técnica administrativa na Capitania do Porto de Cascais. Seguiam os dois no carro que um grupo de jovens assegurou à polícia ter visto cair ao rio, junto ao terminal de contentores de Santa Apolónia, Lisboa. O som de três tiros e os gritos desesperados de uma mulher alertaram o grupo, que se divertia no terraço da discoteca Lux, ali ao lado.

Eram de Maria Beatriz, mãos e pés amarrados no banco de trás do Opel Corsa do namorado, António Almeida. Em segundos, o carro entrou pelo Tejo adentro, com o militar ao volante. De manhã, os mergulhadores retiraram primeiro o corpo do homem e içaram o carro. Só depois encontraram o cadáver da mulher, que estava no banco de trás.

23 de julho

**MARINHA GONÇALVES**

45 ANOS ERMESINDE

A única varanda com vasos, naquela rua, pertence à casa da irmã de António Reis, que se mudara para ali quando se separou. Agora está vazia. "Ela só pensa em alugá-lo, não consegue viver descansada", conta uma vizinha. Marinha já tinha apresentado várias queixas e chegou a contactar um advogado. De nada serviu: António insistia em ir passear sozinho com o filho, Renato, de 5 anos, mas o miúdo não queria ir. Foi então que o homem sacou da arma e disparou. A mãe ainda correu em auxílio do filho, mas acabariam ambos por morrer, no hospital. António ainda andou fugido umas horas, mas foi apanhado pouco depois. Quando soube que o filho morreria, suicidou-se.

29 de julho

**ANA ALVES**

51 ANOS MAFRA

"Ela veio aqui buscar os seus pertences e já se tinha mudado para Sintra, desde a separação. Mas ele nunca se conformou. E foi isto", resume a vizinha da frente da casa de José Afonso, pedreiro de 48 anos, que não aceitava que a ex-namorada, Ana Alves, empregada de escritório, tivesse resolvido ir à vida dela. A pequena vivenda cor-de-rosa, na localidade de Rólia, permanecia fechada no final do verão – mais ou menos desde a noite em que ocorrera o homicídio, seguido de suicídio. Eram ambos divorciados e tinham também filhos, mas todos já adultos. "Vêm aqui só dar comida ao cão", remata a mulher.







6 de agosto

**ANABELA PEREIRA**

38 ANOS CHARNECA DA CAPARICA

Uma vivenda cor-de-rosa, uma cadeira de baloiço na varanda, uma andorinha a enfeitar a porta. A casa mantém as janelas abertas e um sinal de Stop colado à entrada. "Quando eles as matam, fecham o ciclo", atira a adivinhar o vizinho da frente. Anabela, mulher que sofrera uma amputação de uma perna há uns anos, fruto de um erro médico, já tinha apresentado queixa por violência doméstica. Ainda anuiu a retirá-la, mas como mantinha a decisão de se separar, a tragédia não demorou: Augusto Borges, 38 anos, tinha ido só buscar as suas coisas quando acabou por a asfixiar com um lençol. A seguir, ligou para o posto da GNR a entregar-se. O casal tinha dois filhos, de 11 e 20 anos.



20 de agosto

**AIDÊ SANTOS COSTA**

41 ANOS ANADIA

O espelho da porta do prédio, numa rua central de Sangalhos, não deixa adivinhar o drama que se viveu ali, bem de manhãzinha. Foi quando um homem se dirigiu ao apartamento onde a ex-companheira morava com o namorado. No meio da discussão, no hall do prédio, desferiu uma facada, que a deixou estendida no chão. Depois, entrou dentro da casa e deu mais três facadas nas costas do outro homem, 43 anos. Alertados pelos gritos, os vizinhos já só encontraram a mulher estendida na entrada e pegadas cheias de sangue até à saída do prédio. O autor confesso do crime, de 48 anos, entregou-se horas depois na PSP de Oliveira do Bairro, onde vivia. A mulher estava grávida.



18 de setembro

**MARIA JOSÉ CORDEIRO**

52 ANOS BOMBARRAL

"A Zé era-nos muito querida." Lígia, diretora do Lar Nossa Senhora de Fátima, na aldeia de Delgada, ainda está inconformada com a morte da empregada. "Tinha uma vida difícil, mas andava sempre bem-disposta." Há dois anos que arranjara aquele namorado, mas naquele verão voltaram zangados depois das férias. "Ele queixava-se que a miúda se metia no meio deles." A outra versão é que a miúda o viu empurrar a mãe e queixou-se a um tio, que levou a mulher a fazer queixa. No dia seguinte, o homem esperou que o turno da mulher acabasse e esfaqueou-a até à morte. Depois, meteu o corpo na bagageira do carro e entregou-se à PSP das Caldas da Rainha. Já tinha estado preso por violência doméstica: tentara matar outra mulher com um fio de pesca.



27 de setembro

**MARIA JOSÉ MAGALHÃES**

58 ANOS PAÇOS DE FERREIRA

"Tenho lá uma moto velha com gasolina. Qualquer dia pego-lhe fogo e mato a minha mulher." Bernardino Magalhães, um marceneiro de 60 anos, dizia isto amiúde no café de Penamaior, uma freguesia com perto de 4 mil habitantes. Quem o ouvia, logo lhe dizia: "És tolo, a seguir vais preso." Maria José até já tinha pedido o divórcio, mas ele recusava-se a assinar os papéis. Uma semana antes de ser morta, Maria José fez queixa na GNR mas foi avaliada como vítima de baixo risco. Naquele domingo, alertados pelo fogo, os vizinhos ainda arrancaram as grades de uma janela da casa mas já não chegaram a tempo. A mulher foi encontrada com uma meia de vidro na boca e amarrada. Bernardino apareceu no dia seguinte a deambular no centro da Trofa. Ficou detido a aguardar julgamento.



12 de outubro

**GRACINDA CARIA** 67 ANOS SABUGAL

Uma aldeia quase colada a Espanha, uma casa com pintura nova, um cadeado a fechar o correio. A vivenda tem ainda um canteiro pequeno cheio de salsa e um estendal vazio. "Não vale a pena remexer o assunto, custou-nos muito", conta uma familiar. Gracinda vivia em França com Manuel Pina, há 20 anos. Quando ela lhe disse que queria voltar para a sua aldeia, as desavenças fizeram-se sentir. E no fim do verão, como ela não foi ao seu encontro, veio Manuel à sua procura. Acabou por alvejá-la na cabeça e ainda regressou a França mas, quatro dias depois, disparou contra si. A caminho do hospital, confessou o crime. Não resistiu aos ferimentos.



4 de novembro

**LAURA RIBEIRO**

56 ANOS VALONGO

A casa ainda em cimento, numa rua de Balsehas, revela que ali se pensava num recomeço. Mas separada, há dois meses, de José Ferreira, 42 anos, Laura nunca mais teve sossego. No café, e depois de a ter visto com outro homem, o próprio anunciou: "Matei a Laura com um barrote." Como mentia muito, ninguém acreditou. Mas um dos três filhos que a mulher tinha de um casamento anterior estranhou não ter notícias da mãe e deu o alerta. Detido pela Polícia Judiciária do Porto, o ex-marido da vítima admitiu que os ciúmes foram mais fortes.



28 de dezembro

**MARIA DA LUZ MENDONÇA**

45 ANOS SACAVÉM

Perto das dez da manhã ouviu-se uma explosão junto do parque da Rodoviária. Era ali que Maria da Luz trabalhava nas limpezas. Separado dela há uns meses, António Machado, 60 anos, não se conformava. A mulher bem que se tinha queixado: "Qualquer dia sou eu a fazer notícia de primeira página." No café em frente conta-se ainda que uma vez um motorista chegou a parar o autocarro para a socorrer, na rua. "O melhor teria sido ela mudar de vida, em vez de se esconder", aventam. Maria da Luz continuava a pagar a casa em que ele vivia e de onde se recusava a sair. Até ao dia em que a esperou à saída do turno, disparando vários tiros e lançando-lhe ainda uma granada. Ele suicidou-se em seguida, ela deixa duas filhas, uma menor de idade.

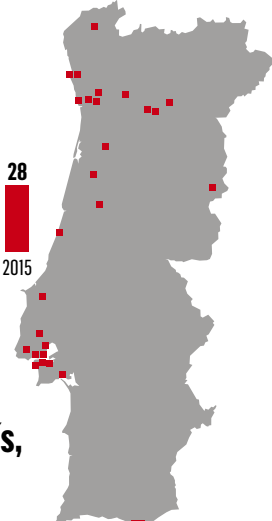
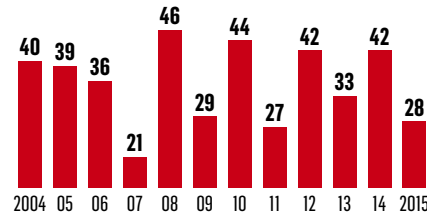


**Exposição chega ao Largo de Camões no Dia da Mulher**

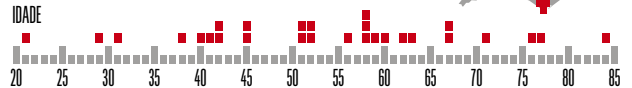
A fotorreportagem da VISÃO, numa versão mais completa, vai estar em exposição no Largo de Camões, a partir de dia 8 de março. Esta mostra é uma iniciativa conjunta da VISÃO, da Presidência do Conselho de Ministros e da Câmara Municipal de Lisboa (que promove o programa Somos). A inauguração, pelas 14h30, contará com a presença da secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade, Catarina Marcelino. Venha homenagear estas mulheres. Para que nunca mais alguém olhe para o lado.

**Até que a morte os separou**

NÚMERO DE MULHERES MORTAS EM RESULTADO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, ENTRE 2004 E 2015



**Em 2015 morreram 28 mulheres, de norte a sul do País, de todas as idades**

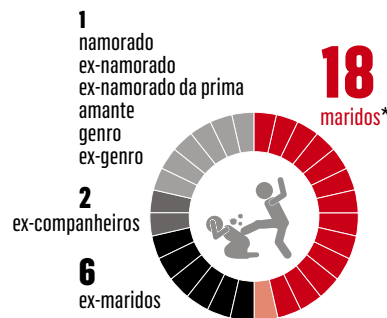


**A maioria foi morta a tiro...**



**7** já tinham apresentado queixa na polícia

**... pelo marido**



**Mas muitos dos assassinos não vão cumprir pena pelo ato**

**15** suicidaram-se a seguir

\* um dos crimes ainda está a ser investigado

**Uma estava grávida. Seis menores ficaram órfãos de mãe**





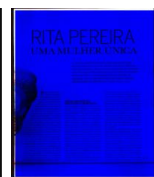


## #PROTAGONISTA

Vestido multicolorido  
com croché, Tommy  
Hilfiger Runway, preço  
sob consulta; tênis  
Converse All Star, €70








# RITA PEREIRA

## UMA MULHER ÚNICA

É uma das rainhas do horário nobre e já leva 12 anos de telenovelas no currículo, sempre com lugar cativo no coração do público. Falou-nos do desafio que é interpretar uma vítima de violência doméstica e também de assuntos bem mais leves – memórias de infância, partidas de basquete, como é ser embaixadora de beleza e até das especialidades da chef Rita. Por Cristina Tavares Correia



**P**assar grande parte de um sábado a ser maquilhada, penteada, vestida, fotografada e entrevistada não é de certeza o ideal de um dia de folga para a maioria das pessoas, mas Rita Pereira ri quando lhe perguntam se não é cansativo, depois de uma semana de trabalho. “Isto para mim é um dia de férias.” Os seus dias de trabalho têm 12 horas, diz. “Acordo às 6h30 da manhã, trabalho até às 20h, com 20 minutos de almoço. Gravo 20 a 30 cenas por dia, tenho sempre entre 50 a 60 páginas de texto para decorar por noite. Ganha-se ritmo com o tempo, obviamente, mas sai do corpo. As pessoas perguntam-me como consigo decorar tanto texto. A minha irmã costuma fazer uma brincadeira: quando tem amigas lá em casa, pede-me para ler seis páginas de texto e decorar à primeira. E depois diz: “Estás a ver, estás ver!? Eu disse que ela conseguia!” O cérebro habituase, é como um músculo. Mas quando estou seis meses parada, as primeiras duas ou três semanas custam mais.”

### LUENA, UM ESPELHO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

A personagem a que dá corpo na telenovela ‘A Única Mulher’, exibida pela TVI, está longe de ser um mar de tranquilidade. “A Luena foi-se transformando, ao longo destes 16 meses de gravação. Foi-me entregue como uma mulher muito forte, com objetivos bem traçados, uma mãe corajosa, e depois a autora resolveu transformá-la e dar-lhe um lado que o público ainda não conhecia. A princípio não consigo perceber como uma mulher tão forte como ela poderia viver uma situação de violência doméstica. Depois fui à APAV, falei com algumas pessoas, e cheguei à conclusão que há mulheres muito fortes que passam por situações impensáveis para a maioria de nós e que o fazem pelo amor pelos filhos, por causa da instabilidade financeira, ou simplesmente pelo medo de começarem uma vida do zero.” É dar vida a Luena sai-lhe mesmo do corpo, sobretudo para alguém que, co-

mo ela, diz ter sido sempre muito amada. “É complicado, confesso. Quando tenho várias cenas de violência doméstica, acabo o dia completamente esgotada, sem forças sequer para sorrir. Rouba-me mesmo muita energia, porque apesar de ser ficção, o ator tenta sempre que seja realidade dentro de si. Para fazer as cenas, penso na revolta que sentiria se aquilo me acontecesse: não quero que isto aconteça à Luena, e quero transmitir às mulheres que diariamente me mandam mensagens que elas também não têm que passar por isso, que há sempre uma forma de escapar.”

Lê muitas histórias pessoais que a deixam com o nó na garganta. “Ainda há pouco tempo, uma pessoa deixou-me uma mensagem bem emotiva na página de Facebook – mas acho que não se apercebeu que estava a deixar num mural público. Houve muita gente a comentar e ela acabou por apagá-la. Dei retorno à mensagem e ela respondeu que lhe tenho dado muita força e que a faço chorar muitas vezes porque foi realmente aquilo que ela sentiu. Tento encontrar as palavras corretas para falar às mulheres que me escrevem,





## #PROTAGONISTA

porque uma coisa é termos passado pela situação, mas eu nunca a vivi. Procuro orientá-las da única forma que sei: dar-lhes alguma força, encaminhá-las para a APAV. Muitas falam-me dos filhos e percebo que, se calhar, muitas mães esquecem-se delas próprias para terem mais estabilidade em casa. Mas tento lembrar-lhes que antes de serem mães também são mulheres; não podem passar por isso só para os filhos viverem com o pai e com a mãe.

### SENHORA EMBAIXADORA

Outra novidade recente na vida de Rita foi ter sido convidada para embaixadora de uma grande marca de cuidados para cabelo e protagonizar a campanha de um dos produtos, as ampolas reparadoras. Um convite que veio de encontro a um desejo antigo, diz-nos. "Sempre quis fazer uma campanha de produtos para cabelos. Ouço

comentários ao meu cabelo desde pequena, por isso era natural para mim. Quando surgiu o convite da Pantene fiquei realmente muito feliz. Fiz questão de ligar para os meus pais – quando tenho boas notícias gosto de contar aos meus assim de uma forma mais empolgada – e eles perceberam o quão importante esta campanha era para mim e como me sentia realizada com a notícia. É isso que vou tentar passar durante este ano: a felicidade de ser embaixadora desta marca, que não é só mais uma marca para mim – é uma conquista pessoal", garante.

Além de ser júri do concurso Cabelo Pantene, Rita já foi até para a rua fazer castings surpresa com equipas de filmagens, à procura de raparigas com

o perfil ideal e convidá-las a participar no concurso. "Primeiro ficaram um bocadinho atrapalhadas e não acreditaram que era a sério. Mas tem corrido muito bem. As miúdas ficaram superfelizes e foram muito acessíveis."

### RAINHA DAS REDES SOCIAIS

Rita tem mais de 1,3 milhões de seguidores no Facebook e quase meio milhão no Instagram. Mas gosta de tirar tempo para ir pessoalmente às redes sociais responder aos seguidores. É estranhamente descobriu nelas um aliado contra "as muitas mentiras" que diz terem sido publicadas sobre si. "Hoje em dia, a imprensa pensa muito bem antes de publicar alguma coisa, o que nunca aconteceu antes. Antes criavam histórias a partir do nada para vender. Hoje lido bem com as redes sociais. Sou eu que controlo as minhas contas no Facebook e Instagram. Tiro pelo menos uma hora por dia para ir lá. Gosto de responder às pessoas. Vejo muitos colegas meus que têm contas nas redes sociais para lhes levantar o ego. Mas como eu sou uma pessoa bem resolvida, felizmente não preciso disso. É claro que é muito bom ler elogios. Isso é ótimo e ajuda-nos quando estamos mais tristes com qualquer coisa que a imprensa escreveu, vermos as pessoas a apoiarem e a dizerem 'não leias isso!', 'sabemos que é mentira'. Mas a minha interação com as pessoas também existe para lhes dar o retorno do carinho que elas me dão. Na minha visão, o lado positivo do aparecimento das redes sociais é esse: podermos, finalmente, dar um feedback direto a quem nos segue. Se a Beyoncé me respondesse 'Beijinhos!' a um comentário, nem sei o que faria! Eu não sou a Beyoncé mas quando respondo 'Obrigada, beijinhos' e leio de seguida 'Hoje fez o meu dia, estou muito feliz', fico muito contente. De entre os que comentam ou mandam mensagens pelo Facebook vejo pessoas do mundo inteiro, muitos imigrantes."

## PESSOAL & INTRANSMISSÍVEL

### Ritmo preferido para dançar

Hip hop e ragga.

### Fred Astaire ou Joaquin Cortez?

Fred Astaire.

### O que a tira do sério?

Ver pessoas a fazer mal a animais. Transforma-me.

### Companheiras de 4 patas

Hyndia e Hcyvi, as minhas duas cadelas da raça Jack Russell. Logo que seja possível levá-las para um lugar, vêm comigo. São super-companheiras, muito educadas e dão-me muita felicidade. Acima de tudo são as duas muito fiéis, muito cool. Foram cruciais em determinados momentos difíceis da minha vida por isso agora tento compensá-las. Deram-me sorrisos e gargalhadas quando precisava mais delas.

### Prazer culpado preferido

Pão de queijo, daquele mesmo brasileiro.

### Ritual para relaxar

Praia. Há 33 anos que moro em frente à praia e ela é realmente o meu escape. Por mais casas

incríveis em sítios extraordinários, não consigo sair da Linha. Não consigo viver longe do mar.

### Dia perfeito

Acordar por volta das 10 horas (que para mim é como se fosse uma da tarde), ir comer um ótimo brunch (sou viciada porque adoro comer bem ao pequeno almoço); depois dar uma volta na praia com as minhas cadelas – no verão gosto de fazer praia –, passar pelos gelados do Santini no final do dia; ir para casa ver séries; cozinhar um belo jantar, ver o Masterchef Austrália antes de ir para a cama estudar os textos.

### Um disco em replay

Dois: o último da Beyoncé e o CD do meu amigo Dino Santiago.

### A última vez que chorou a ver TV

Foi ontem, com um episódio do 'Shameless', numa cena fantástica em que a protagonista, Fiona, fala com a mãe que regressa tempos depois de a abandonar, a ela e aos irmãos. É uma personagem que qualquer atriz gostaria de desempenhar. Adoro a força e leveza dela.

### DO FRIO DO CANADÁ PARA O CALOR DOS TROPICOS

Os imigrantes que lhe escrevem são um público que lhe diz muito, até porque ela própria já esteve nesse lugar – e bem cedo, quando os pais emigraram para o Canadá. "Tinha 3 anos, mas lembro-me perfeitamente do frio – que detesto e, por isso, me marcou muito. Lembro-me de sair à rua e ficar com neve pela cintura, da escola e do au-





## #PROTAGONISTA

tocarro que me ia buscar a casa, tal como nos filmes. E da minha família, obviamente, que continua lá e com quem mantenho o contacto. Lembrome, sobretudo, do nascimento da minha irmã lá – é impossível esquecer.” Para o frio não contem muito com ela. São os trópicos que lhe falam mais alto ao coração. Guillaume Lalung, o namorado da atriz, é produtor de eventos e tem nacionalidade francesa mas a família é originária da ilha de Guadalupe, nas Antilhas, e era para lá que Rita se preparava para viajar quando conversámos. “Quero muito conhecer as raízes dele e estou muito empolgada e feliz com esta viagem.” E África é especial para si, admite. “É engraçado que muitos africanos acham que eu tenho sangue africano, mas não tenho. Tenho é um coração um bocadinho africano. A minha mãe diz que, já quando eu era pequenina e via um angolano ou cabo-verdiano, ficava com os olhos a brilhar. A minha melhor amiga

é angolana, conhecemo-nos desde os 12 anos. Sempre tive amigos cabo-verdianos, angolanos, são-tomenses... Talvez seja a maneira livre, despreocupada e feliz como eles vivem que me cativa. Acho, às vezes, que os portugueses se preocupam demasiado com coisas sem grande importância e se calhar em África isso não acontece tanto.” Esse continente fascina-a e ainda tem muitos sítios que quer conhecer em breve. “A Cidade do Cabo, o Parque Krueger... Gostava de ir à Guiné. Adoro viajar e se não o fizer uma vez por mês, não anda longe disso. Nem que seja ir até ao Alentejo ou até Paris passar um fim de semana, já é o suficiente para fugir ao stress e à rotina – também os tenho na minha profissão.”

## EM FORMA COM RITA

### Sacrifícios à mesa?

Faço bastantes, porque adoro comer e tenho mesmo de me controlar para não cair em tentação. Não faço restrição calórica; sigo uma alimentação saudável. Não quero ser magra e sinto-me muito bem com o corpo que tenho. Mas se comer arroz e massa todos os dias fico uma foca.

### Vamos 'malhar'!

Vou ao ginásio, faço bastante desporto – faço exercício físico desde os 3 anos, quando entrei para o ballet. No ginásio faço aulas. Não me vai ver numa das máquinas; se estiver na passeadeira é porque estou a complementar uma aula de total condicionamento. Mas são 20 minutos terríveis!

### Vai uma partida de basquete?

Ainda jogo com regularidade, mas só com os amigos. Joguei profissionalmente durante 5 anos. O basquete começou na minha vida com o meu pai, que foi jogador e depois treinador da modalidade. Aos 16 anos, os meus amigos queriam sair à sexta-feira à noite e eu não, porque o meu pai ia jogar basquete ao sábado de manhã e eu ia com ele, sempre na esperança que alguém faltasse para eu o substituir.

### Valores que o desporto me deu

O ballet deu-me a postura correta e fez-me sentir bem com o meu corpo. O basquetebol trouxe o gosto pela competição, a vontade de vencer justamente, a batalha para sermos melhores todos os dias. Ter passado pelos escuteiros também me ensinou valores importantes: humanidade, partilha, interagida. Ainda hoje, quando saio da praia levo comigo lixo que outros deixaram, uma coisa a que me habituei nos escuteiros. 🐾

FOTOS: DIOGO CARAMULHO



## ANIMAÇÃO NOS BASTIDORES

Foi um sábado de muita chuva, mas era quente, cheio de energia e quase familiar, o ambiente que se vivia no estúdio onde Rita Pereira posava para a objetiva do fotógrafo Pedro Ferreira. Tirar um dia para ser modelo (ainda que seja o de descanso das gravações da telenovela 'A Única Mulher') é algo que a atriz de 33 anos diz levar com

prazer e uma naturalidade que ficou bem expressa na sensualidade e movimento das imagens. A acompanhá-la em estúdio estiveram duas amigas inseparáveis: Hyndia e Heyvi. As duas cadelas (que são mãe e filha) assistiram à produção com toda a calma e nos intervalos ainda aproveitavam para pedir mimos a Rita.